

Urgente e Necessária a Ação Conjunta das Forças Nacionalistas

LEIA EDITORIAL NA 3a. PÁGINA

Leia

A Solução Positiva, Fator De Unidade — Artigo de Zuleika

ALAMBERT (na 5a. página)

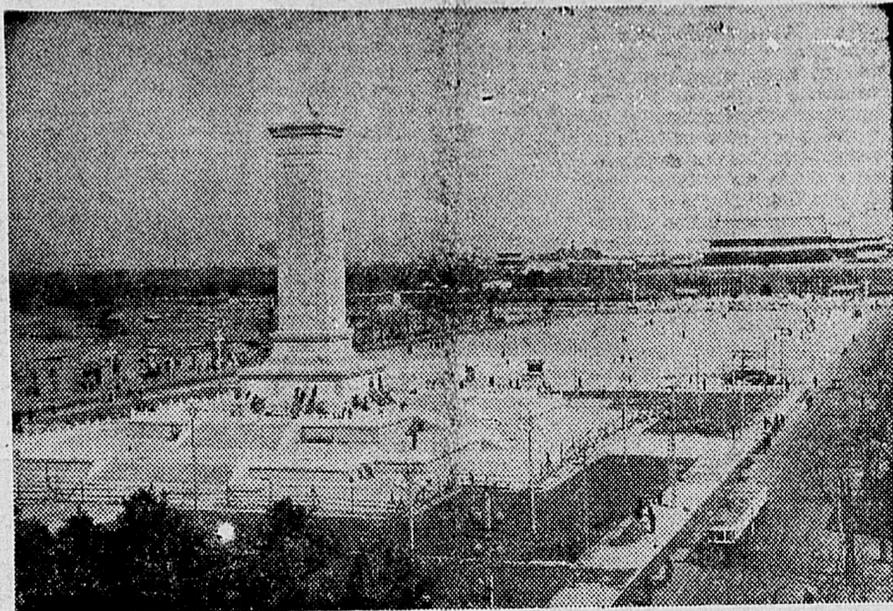
A América Latina e a Carta de Eisenhower — Comentário Político (na terceira página)

Café e Reforma Cambial — Comentário Econômico (3a. pág.)

Depois da Greve, a Luta Continua — Artigo de Roberto MORENA (na 9a. página)

O Socialismo e a Família — Artigo de Antônio GRAMSCI (na 4a. página)

Somente a Unidade Derrubará Batista — Manifesto do Partido Socialista Popular de Cuba (na 4a. página)



Monumento dos revolucionários chineses tombados nos últimos cem anos. Este monumento foi inaugurado em Pequim a 1º de maio p. passado. Tem 38 metros de altura e traz esta inscrição: «Glória aos heróis do povo». Em frente, vê-se o palácio Tienan-men



VOZ OPERÁRIA

Nº 471 ★ RIO DE JANEIRO, 14 DE JUNHO DE 1958

Preparativos Para o VII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes (Nota na 11a. página)

DERROTA DO ENTREGUISMO NA U.D.N. FLUMINENSE (Comentário na 3a. Página)

Quem é Lucas Lopes, Candidato Dos Lanques ao Ministério da Fazenda ?

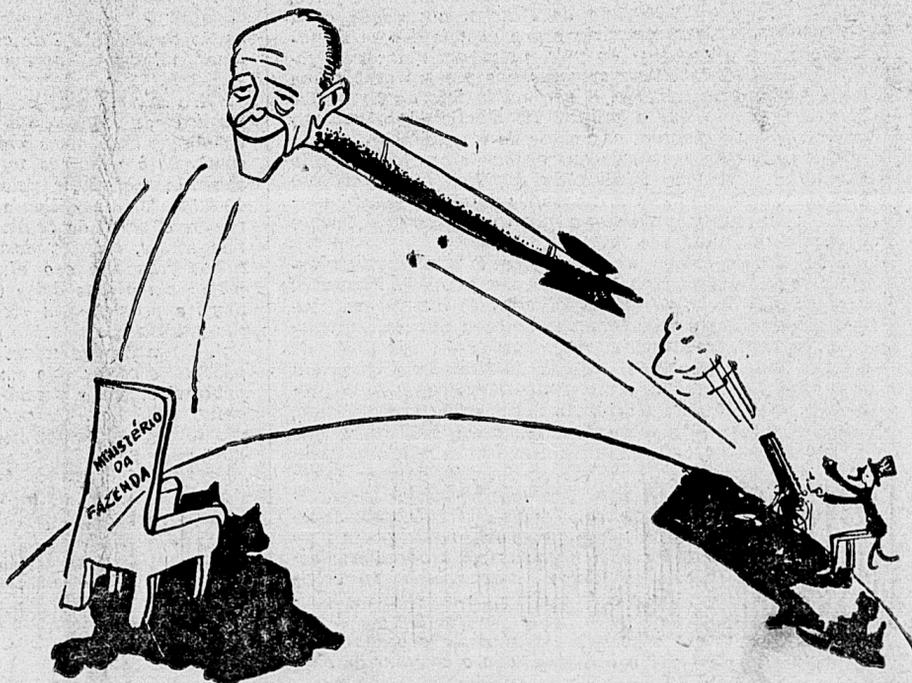
Reportagem de Paulo MOTTA LIMA (Leia na Página Central)



Motoristas quase paralisam o Rio — Durante a greve dos motoristas, a sede da União Nacional dos Estudantes se transformou no «quartel general» dos grevistas. Paredistas aplaudem os seus líderes, numa reunião ali realizado (Reportagem na 12ª página)

A Quem Cabe a Decisão

Artigo de MÁRIO ALVES — (Leia na quinta página)



O «TELEGUIADO» LUCAS LOPES



Reunião preparatória da Conferência de Escritores da Ásia e África. Com a participação de representantes de organizações de escritores da Índia, China Popular, República Árabe Unida, URSS e Japão, realizou-se há pouco em Moscou a reunião preparatória da Conferência de Escritores afro-asiáticos, que terá lugar em Tachkent em outubro deste ano.

Finalmente, após dezenas de anos de dominação do regime obscurantista e reacionário de Salazar, teve o povo português a oportunidade de manifestar legalmente, de forma espetacular, sua oposição à ditadura fascista. Apesar de, como se previa, ter sido «vitoriosos» nas urnas o candidato governamental, Alm. Tomás, a expressiva votação alcançada pelo general Humberto Delgado, e, sobretudo, o vigor da campanha eleitoral das últimas semanas, constituem, sintoma seguro da decomposição do regime salazarista, de crescimento impetuoso da unidade das forças democráticas e de todas as forças que desejam a volta a um regime constitucional e de liberdade.

A campanha eleitoral foi entrecortada de incidentes e de choques populares com as forças de repressão. Em Lisboa, no Pôrto, em Braga e em Guimarães houve verdadeiras lutas de rua, sendo que na capital do país a repressão durou nada menos de 6 horas, estendendo-se desde as 8 da noite até às duas da madrugada. O aparelho estatal a serviço de Salazar graças a essa resistência popular, à coragem e firmeza do candidato Delgado, e à unificação das oposições com a desistência do dr. Arlindo Vicente, não conseguiu impedir que o povo português manifestasse sua vontade através do voto. Apesar dos entraves opostos pela legislação eleitoral salazarista, das falsificações dos resultados, das violências policiais nas vésperas e no dia das eleições, o número de votos alcançado pelo general Delgado foi expressivo e abalou profundamente os alicerces do regime. Acaba de ser vencido o medo e o terror im-

plantados sistematicamente durante décadas, as comportas estão arrombadas, e já não mais poderão conter a oposição popular. Agucam-se as contradições internas nos próprios círculos salazaristas. Foi seriamente abalada a ditadura.

Em Portugal ninguém é obrigado a alistar-se como eleitor. Todo o eleitorado é composto de pessoas que querem voluntariamente a inscrição de seus nomes nas listas. Isso explica o pequeno número de votantes, em relação à população do país. Além disso os juizes eleitorais podem «criscar» mais ou menos arbitrariamente os nomes dos eleitores que não forem de seu agrado, mediante os mais fúteis pretextos. A lei não concede à oposição o direito de fiscalizar a contagem dos votos, por meio de fiscais, sendo tudo feito pelas autoridades e funcionários do governo. Como se vê, tudo disposto para transformar em simples farsa as eleições.

Mas nem mesmo esses dispositivos puderam ser totalmente aplicados pelo governo, o que bem reflete a amplitude da oposição a Salazar. Contam os telegramas das agências de notícias que não foram poucos os presidentes de mesas eleitorais que, embora não obrigados pela lei, permitiram aos fiscais do general Delgado que acompanhassem a contagem dos votos.

Por outro lado, em aldeias e regiões do interior do país nas quais a polícia impediu a distribuição de cédulas do general Delgado. Inúmeros escritórios de propaganda da oposição foram fechados, e seus responsáveis recolhidos à prisão. O pró-

prio candidato foi impedido de comparecer a várias cidades. Todos esses fatos têm de ser considerados, ao analisarem-se os resultados. E quais foram esses?

O governo apressou-se a divulgar, no dia seguinte às eleições, que seu candidato havia obtido mais de 90% dos votos. No entanto, a proporção que vão sendo conhecidos os resultados parciais, essa cifra vai sendo desmentida. E em diversas localidades o candidato da oposição obteve maioria.

Em Lisboa, o candidato do governo obteve 74.000 votos, e o general Delgado 23.000, isto é, 33%. Observa-se aí o pequeno número de eleitores, para uma cidade como Lisboa, que tem cerca de 1 milhão de habitantes. A percentagem obtida pelo candidato da oposição na capital do país foi, apesar disso, bastante expressiva. Tudo indica que si não fossem os entraves ao alistamento, muito maior teria sido o número de votos da oposição.

Em Coimbra, Delgado obteve 37% dos votos, e no Pôrto 31%. E segundo os últimos dados divulgados, Delgado obteve em todo o país mais de 200.000 votos, num total de 820.000 votos. Esse resultado significa 25% dos votos para Delgado, em todo o país, apesar das fraudes e todas as dificuldades criadas pelo governo. Não foi possível a Salazar esconder o vulto da oposição popular. E como vingança mesquinha, demitiu imediatamente Delgado de suas funções de chefe da Aviação Civil, e mandou encarcerar o chefe de sua propaganda eleitoral.

CONGRESSO PELO DESARMAMENTO E A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Como já temos noticiado, vai reunir-se em julho próximo em Estocolmo, o Congresso pelo Desarmamento e a Cooperação Internacional, patrocinado pelo Conselho Mundial da Paz, e com o apoio de personalidades como o filósofo inglês Bertrand Russell, o pastor Niemoeller da Alemanha Ocidental, o escritor francês Jean Paul Sartre. Esse Congresso, para o qual se espera o comparecimento de mais de 3 000 pessoas, representando mais de 80 países, está sendo encarado com

maior simpatia e receptividade, nos diversos setores da opinião pública brasileira. Depois da adesão da maioria absoluta dos membros da Assembleia Legislativa Fluminense, e de várias Câmaras Municipais, já divulgada anteriormente, acaba de ser dado à publicidade um manifesto assinado por deputados de diversos partidos políticos, e pela maioria dos membros da Câmara do Distrito Federal. E' o seguinte o texto do manifesto, com as respectivas assinaturas:

Walcacer (PR), Mourão Filho (PSP), Frederico Trota (PSD), Waldemar Viana (PTN), Alexandrino Mendes Soares (PTN), Edgard de Carvalho (PSD), Gonçalves Maia (PR), Nilo Romero (PR), Aride A. da Costa (PSD), Cipriano Lima (PL), Rubens Cardoso (PSD), Guilherme Montelero (PST), Francisco Durso (PRT) e Manoel Novela (PSP).

«A próxima realização na capital da Suécia de um Congresso Mundial pelo Desarmamento e pela Cooperação Internacional, convocado pelo Conselho Mundial da Paz, merece o apoio de todos os que anseiam por ver o fim da tensão internacional, de todos os que desejam que se chegue a um acordo de desarmamento, de todos os que aspiram pela oportunidade de maiores trocas comerciais, maior intercâmbio cultural, mais intensa cooperação entre os povos de todo o mundo.»

A luta pela paz não é privilégio de uma ou outra nação, deste ou daquele povo: — é apanágio da própria humanidade.

Os brasileiros também estão entre os que repudiam a idéia de uma corrida armamentista, que teria como resultado uma hecatombe mundial.

Cremos sinceramente que só através de uma política externa de mais ampla cooperação internacional poderemos atender aos reclamos de nosso progresso e contribuir para o bem-estar de todos os povos.

Apoiando a Idéia do Congresso pelo Desarmamento e pela Cooperação Internacional, estamos seguros de interpretar o sentir de todo o Brasil. Rio de Janeiro, fevereiro de 1958. (ass) DEPUTADOS — Aarão Steinbruch, Leonidas Cardoso, Celso Pegana, Jonas Bahiense, Frota Moreira, Abguar Bastos, Pedro Braga, José Miraglia, Campos Vergal, Aurélio Mello, Sérgio Magalhães, Rafael Correa de Oliveira, Dagoberto Sales, Danton Coelho. — VEREADORES — Hélio

Na última semana do corrente mês reunir-se-ão em São Paulo os membros da delegação brasileira, já bastante numerosa, a fim de trocarem idéias sobre os temas que serão debatidos no Congresso.

VOZ OPERÁRIA

Diretor

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and. s/ 1.712 - Tel.: 42-7344

ASSINATURAS:

Anual	150,00
Semestral	80,00
Núm. avulso	3,00
Núm. atrasado	5,00
Trimestral	60,00
Aérea ou soz registro, despesas à parte:	

SUCURSAL

PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 43.

Crônica Internacional

Crise Interna nas Forças Reacionárias Francesas

A situação política francesa continua no centro das preocupações da opinião pública internacional. Verificaram-se nos últimos dias acontecimentos até certo ponto imprevisíveis, e que revelam o desenvolvimento de séria crise interna no seio das forças reacionárias francesas. A origem dessa crise está na crescente resistência do povo francês à instauração do fascismo em sua pátria, e na reafirmação da vontade inabalável da esmagadora maioria do povo da Argélia de levar até o fim sua luta pelo direito de autodeterminação e pela independência. Os agrupamentos políticos fascistas ou de direita, e as cliques militares chovinistas e reacionárias em que se apoiam, constatarão rapidamente que não era tão fácil como supunham liquidar a IV República e o movimento operário e democrático francês. Em face disso essas forças se dividem. Uns setores, localizados principalmente na Argélia, entre militares e proprietários de terras africanas, adotam posição radical e extremada: são os chamados «ultras». Outros, sentindo mais de perto, no território metropolitano da França, a unidade cada vez maior da classe operária e das demais forças democráticas e progressistas do país, procuram manobrar, fazer concessões, encontrar soluções que possam quebrar ou enfraquecer essa unidade. E nessa luta interna da reação francesa, parece que o próprio De Gaulle já se vai tornando figura superada, aos olhos de muitos. E' o que se pode concluir da resolução que acaba de ser tomada pelo Comitê de Salvação Pública da Argélia, e que, embora não signifique uma ruptura com De Gaulle, constitui verdadeiro ultimatum para que o mesmo adote integralmente os pontos de vista dos «ultras».

De Gaulle esteve na Argélia e lançou espetacularmente sua «solução» para o problema argelino. Prometeu à população árabe — que repetidamente insistiu em chamar de «franceses muçulmanos», embora não sejam franceses, e nem todos sejam muçulmanos —, igualdade de direitos políticos, numa Argélia inteiramente integrada na França, da qual seria um simples prolongamento geográfico na África do Norte. Ao mesmo tempo De Gaulle, apresentou como «fiadoras» dessa nova política, a que chamou «de integração de almas», as forças militares francesas que ocupam o território da Argélia, com os generais Salan e Massu à frente. Pretendia com isso De Gaulle, em seus delírios messiânicos, que os árabes argelinos esquecessem quatro anos de luta cruel, renunciassem ao seu anseio de independência e passassem a considerar como anos da guarda as forças opressoras, responsáveis por torturas, assassinios e destruição de aldeias, especialmente, os odiados para-quadristas do general Massu. A resposta dos patriotas argelinos foi imediata e ativa: continuar a luta até obter a independência e boicotar as elei-

ções municipais anunciadas por De Gaulle para daqui a três meses.

O presidente da Tunísia, Bourguiba, apesar de sua tendência à conciliação com o imperialismo, exprimiu com clareza o ponto de vista não só dos argelinos, como dos demais povos árabes, sobre a «solução De Gaulle»: «Os argelinos o que reclamam, o que desde o início pedem, é que sejam tratados não como franceses, com os mesmos direitos e deveres, nos quadros da República Francesa: o que pedem é a sua pátria, a terra argelina; que ela lhes seja restituída, que sejam livres e independentes». Posição semelhante teve o governo de Marrocos.

Chegando a Paris, a 10 do corrente, o general De Gaulle reuniu o seu gabinete «no mais puro estilo napoleônico», no dizer das agências telegráficas. Voltando às frases adotadas durante o I Império, De Gaulle limitou-se a expor, durante uma hora, suas decisões pessoais. Os demais membros do ministério se mantiveram em silêncio, e não houve debates. Essas decisões referiam-se à «integração» e às eleições municipais na Argélia, e à fixação da data de 5 de outubro próximo para o «referendum» relativo à aprovação de uma nova Constituição francesa.

No mesmo dia, no entanto, o «Comitê de Salvação Pública» da Argélia, sob a liderança do general Massu e de alguns civis, ricos proprietários de terras, aprovava a resolução à qual nos referimos no início, e que foi considerada «aceitável» pelo general Salan e por este imediatamente transmitida a Paris. Nessa resolução o Comitê rejeita o plano de realizar eleições na Argélia dentro de três meses, exige a dissolução de todos os partidos políticos franceses e o afastamento dos ministros que representam alguns deles (como Gui Mollet, Pflimlin e Pinay), e promete seu pleno apoio «aos comitês de salvação pública que se estão formando agora em toda a França», a fim de que sejam «liquidados os restos da IV República» e constituído em Paris um «governo de salvação pública»... sob a presidência de De Gaulle. Está lançado assim o desafio. Os próximos dias nos dirão que rumo vão tomar os acontecimentos e qual a atitude do «salvador» ante a revolta de seus comandados.

Essa crise, apesar dos perigos que encerra, vem sem dúvida reforçar ainda mais as condições existentes na França para uma resistência eficaz ao fascismo; que abra caminho à única saída possível para os graves problemas com que se defronta o país: a formação de um governo de coalizão das esquerdas e de outras forças democráticas, que restabeleça e amplie a legalidade republicana e dê uma solução justa e pacífica à questão da Argélia, reconhecendo ao povo argelino o direito à independência e autodeterminação.

URGENTE E NECESSÁRIA A AÇÃO CONJUNTA DAS FORÇAS NACIONALISTAS

As FORÇAS nacionalistas começam a reagir com decisão à ofensiva entreguista que, nas últimas semanas, se desencadeou em vasta escala. Na imprensa e no Parlamento, avolumam-se as denúncias sobre as ignominiosas concessões que os imperialistas norte-americanos pretendem impor ao governo brasileiro e para cuja consumação vêm abrindo caminho elementos destacados do próprio governo, inclusive o presidente da República. Através de discurso do deputado Bento Gonçalves a Frente Parlamentar Nacionalista manifestou a sua decisão de opor enérgica resistência aos planos entreguistas, convocando as forças nacionalistas à vigilância e à mobilização. Outros setores do movimento nacionalista já dão passos concretos para salvaguardar as conquistas patrióticas do povo brasileiro e impedir que o desenvolvimento independente e progressista da economia nacional seja detido e anulado por imposição dos monopólios norte-americanos.

DESVANECEM-SE, muito mais depressa do que seria de esperar, os efeitos ilusionistas da manobra de cobertura do entreguismo, tentada com o intercâmbio epistolar entre os presidentes Kubitschek e Eisenhower. Quando tanto se ardeia sobre uma «revisão» da política dos Estados Unidos com relação à América Latina, o único ponto concreto da carta do presidente Eisenhower é aquele que propugna o revigoramento da célebre Declaração da Conferência de Caracas. Toda a opinião pública do Brasil e da América Latina se recorda que essa Declaração sancionou o «Direito» de intervenção nos assuntos internos das nações do continente e abriu caminho para a agressão criminosa, preparada pelo sr. Foster Dulles, ao governo legal de Arbenz na Guatemala. Assim, pois, o que de concreto prometem os círculos de Washington é tornar ainda mais brutal o sistema de interferência na vida dos povos «ao sul do Rio Grande». Tão inaceitável é essa «revisão» da política dos Estados Unidos para o povo brasileiro que o alarido da grande imprensa em torno do intercâmbio epistolar perdeu já, nos últimos dias, quasi toda a intensidade inicial.

AINDA mais porque, enquanto o sr. Juscelino Kubitschek assume o triste encargo de desagrarar mr. Nixon, repudiado com tanto vigor de Montevideu a Caracas, revelam-se diariamente novos detalhes das exigências políticas e econômicas, que o imperialismo norte-americano faz agora para conceder mais um empréstimo, que nada representará para o progresso do país. Estas exigências incluem a substituição do atual ministro da Fazenda pelo notório entreguista Lucas Lopes, a reforma cambial para desvalorizar o cruzeiro e baixar o preço do café e de outros produtos brasileiros de exportação, a abertura de perigosas brechas no sistema do monopólio estatal do petróleo, concessões no terreno das tarifas e redução, em suma, do ritmo da industrialização em nosso país.

DENTRO e fora do governo, intensifica-se a atividade dos elementos entreguistas no sentido de tornar vitoriosas as exigências lanques. É igualmente manifesta a tendência capitulacionista do sr. Juscelino Kubitschek.

Compreendendo-se, assim, a gravidade da ofensiva entreguista, num momento em que o país se defronta com dificuldades de ordem econômica e financeira.

O MOVIMENTO Nacionalista tem, entretanto, a experiência de haver derrotado nos últimos anos mais de uma ofensiva do entreguismo, alcançando, desta maneira, valiosas conquistas para o povo brasileiro. Os nacionalistas ocupam importantes posições dentro do próprio governo e as diversas correntes nacionalistas gozam de prestígio nos partidos políticos e de inegável influência nos meios sindicais, estudantis, militares e em outros setores da opinião pública. O que se faz urgente é despertar a vigilância dos nacionalistas e coordenar o seu esforço para ações conjuntas de grande envergadura. Todas as organizações que apolam ou integram o movimento nacionalista precisam agora realizar entendimentos e, acima de diferenças políticas ou ideológicas, se lançar à luta unitária contra as pretensões do entreguismo. Nacionalista de dentro e de fora do governo, vencendo o pessimismo e as inclinações à capitulação, podem elevar o nível da frente única à altura do que exige a gravidade da situação, tornando vitoriosos mais uma vez os interesses nacionais.

PARA isto, é indispensável superar as divergências que a campanha eleitoral suscita entre os nacionalistas. Destas divergências se aproveitam os inimigos do país. Aos nacionalistas mais conscientes cabe o dever de se empenhar, com o máximo de espírito unitário, para que os nacionalistas, mesmo ainda não aglutinados em um único campo eleitoral, sejam capazes de colocar no centro da campanha preparatória do pleito de outubro a grande questão, que hoje interessa ao povo brasileiro: salvaguardar as conquistas nacionalistas, resistir à ofensiva do entreguismo, dar novos passos no sentido da emancipação nacional. Por mais peso que possam ter interesses locais e estritamente partidários, o que precisa prevalecer são os interesses mais gerais do povo brasileiro. Subordinando a atividade eleitoral a estes interesses, será perfeitamente possível, apesar dos prejuízos de certa dispersão eleitoral, consagrar, nas urnas, em outubro, uma correlação de forças nitidamente favorável ao nacionalismo no parlamento e nos executivos e legislativos dos estados e municípios.

OS PRIMEIROS passos das forças nacionalistas estão sendo dados. Mas ainda são os primeiros passos. Um amplo entendimento é necessário estabelecer entre todas estas forças, definindo, através do debate de opiniões, soluções positivas para os problemas atuais do país e organizando ações conjuntas, que mobilizem a opinião pública e, em particular, as mais vastas massas populares, para novas lutas pelos interesses nacionais. Os comunistas, como força mais consequente do movimento nacionalista, não pouparão esforços unitários para alcançar tão elevado objetivo, que diz respeito a toda a frente única. Estamos certos de que, nas atuais condições do país e do mundo, o povo brasileiro, solidário com os povos irmãos da América Latina, tem suficientes condições para vencer esta batalha.

Comentário Político

A. LATINA: ANSEIO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EISENHOWER: VOLTA A O INTERVENCIONISMO DA CONFERÊNCIA DE CARACAS

Um dos temas dominantes da política brasileira nas duas últimas semanas é a troca de cartas entre o Presidente Juscelino Kubitschek e o Presidente dos Estados Unidos, Eisenhower. Até mesmo questões candentes da política interna ficaram num segundo plano ante o novo episódio. É que se trata de um dos problemas mais delicados com que nos enfrentamos hoje: nossas relações com os Estados Unidos. Estas relações interessam profundamente à vida política e à vida econômica do Brasil. As cartas em apreço não revelam o fundo da questão, mas esta é sugerida tanto na de Kubitschek como na resposta de Eisenhower: as crescentes dificuldades nas relações entre os EE.UU. de um lado e os demais países do Continente, do outro.

O presidente brasileiro trata na sua missiva das demonstrações hostis ao Vice-presidente norte-americano Nixon quando de sua recente visita a alguns países da América Latina. E argui a necessidade de rever a política panamericana, ou melhor, as relações entre os países da América Latina e os Estados Unidos.

Em sua resposta, Eisenhower concorda com Kubitschek quanto à necessidade de «medidas corretivas» para a situação atual, «medidas — acrescenta o chefe do governo norte-americano — que determinem, através de todo o Continente, uma reafirmação do devotamento ao Panamericanismo...» E sugere «execução mais completa da Declaração de Solidariedade da Décima Conferência Inter-americana realizada em Caracas em 1954». Eisenhower confirma em sua carta a próxima visita ao Brasil do Secretário de Estado (Ministro do Exterior) dos Estados Unidos, Foster Dulles.

A troca de cartas entre os dois chefes de governo tem lugar num momento em que cresce em toda a América Latina um estado de espírito contra o imperialismo norte-americano. Os povos latino-americanos ganham consciência de si mesmos e reconhecem que há mais de um século vêm sendo vítimas de crescentes explorações pelos monopólios dos EE.UU. Estes dominam as suas principais fontes de matérias primas (petróleo, estanho, cobre, ferro, manganês), produtos agrícolas de vital importância econômica (café, cacau, açúcar), controlam direta ou indiretamente o comércio exterior dos países latino-americanos. Enquanto isso, os povos da América Latina vivem na mais negra miséria, com um dos mais altos índices de pobreza e

(CONCLUI NA PÁG. 11)

Derrota do Entreguismo Na UDN Fluminense

Na convenção estadual da UDN do Rio de Janeiro sofreu fragorosa derrota a ala chefiada pelo sr. Carlos Lacerda, líder do partido na Câmara Federal. Contrariamente às recomendações do sr. Lacerda e outros do seu grupo, a convenção fluminense deu esmagador apoio à candidatura do sr. Roberto Silveira para governador do Estado do Rio. Depois de uma sessão agitadíssima, que se prolongou da manhã do dia 10 à madrugada do dia 11 de junho, os convencionais udenistas decidiram-se pelo sr. Roberto Silveira numa proporção de 235 contra 126.

A candidatura do sr. Roberto Silveira, lançada pelo P. T. B., já havia contado com o apoio de diversas forças nacionalistas do Estado do Rio e seu programa de governo tem caráter nacionalista. Não era de estranhar, portanto, que contra ela se lançassem o sr. Lacerda e

seus asseclas, entre os quais o mais ferrenho foi o sr. Prado Kelly. Derrotados, ameaçam ambos renunciar a seus mandatos de deputados pela U. D. N. e o sr. Lacerda ao seu cargo de líder do partido na Câmara Federal. Não cremos que a Câmara e a U. D. N. tenham muito a perder com isto.

Na convenção fluminense, o sr. Carlos Lacerda lançou mão, uma vez mais, da desmoralizada bandeira do nacionalismo. Mas nem assim conseguiu assustar a maioria dos seus correligionários. Como de outras vezes apelou para o patético, esquecendo-se de si mesmo, esbravejando contra os «demagogos» e falando em «moral». A seu lado, como um acólito fiel, estava o fascista Raimundo Padilha.

O sr. Lacerda alimentava pessoalmente esperanças de ser candidato a governador do Estado do Rio. E confes-

sou (segundo o seu próprio jornal) que «sendo convidado a aceitar a sua candidatura ao governo do Estado do Rio, passou a meditar sobre o assunto. E este fato se transformou num problema de consciência (sic!). Bradou finalmente como um personagem de ópera bufa: «Que extraordinária oportunidade essa de reconstruir o Estado do Rio». Chegou ao ridículo: «Percorri o Estado do Rio de calças curtas, andei pelas margens do Paraíba...» E terminou mandando seu partido às favas: «Que a U.D.N. vá para onde quiser e eu volto para o meu jornal».

—o||o||o—

A convenção da U.D.N. do Estado do Rio foi mais um episódio da grave crise que atravessa a ala reacionária desse partido e um sinal da influência crescente das forças nacionalistas nas diversas organizações partidárias.

VIDA ECONÔMICA

CAFÉ E REFORMA CAMBIAL

A SITUACÃO na frente cafeeira oferece algumas novidades muito importantes, que dizem respeito, aliás, a todo o problema cambial.

A primeira novidade é a aquiescência do governo norte-americano em «estudar» o problema do café com os países produtores. Até há pouco, os Estados Unidos vinham se recusando a qualquer acordo, não tendo ingressado na Organização Internacional do Café, criada no Rio de Janeiro. Agora, porém, anuncia-se a constituição, em Washington, de um Grupo Internacional de Estudo do Café, constituído pelos Estados Unidos e pelos sete países signatários do Convênio do México, que deve expirar, por sinal, em setembro próximo. Para integrar o referido grupo foram convidados os cafeicultores da África.

É difícil prever as soluções, que podem resultar desta iniciativa. De qualquer modo, ela é um resultado da posição firme tomada pelos produtores latino-americanos, principalmente o Brasil e a Colômbia, defendendo o preço do café contra a pressão baixista das firmas dos Estados Unidos. Fala-se que os Estados Unidos viriam, finalmente, a ingressar na OIC e estabelecer um sistema de quotas de importação. Tal sistema, numa conjun-

tura de superprodução, pode ter caráter benéfico, uma vez que estabilize o mercado e ponha freio à especulação. Tudo depende das bases em que se estabeleça o acordo, abrangendo questões como a de preços, prazos, etc.

Sucedo, porém, que a notícia das demarques cafeeiras em Washington é difundida simultaneamente com as denúncias sobre a reforma cambial, que os mesmos nor-

te-americanos exigem para conceder o novo empréstimo solicitado pelo governo do sr. Juscelino Kubitschek. As denúncias procedem de fontes muito variadas, inclusive ianques, e, embora diferindo nos detalhes, possuem um denominador comum: a reforma cambial, que é tramada nos bastidores, resultará numa queda brusca do cruzeiro, desvalorizando-o muito abaixo do nível atual.

O projeto Pacheco Chaves, há pouco lançado, tenta conter em certos limites, um mal, ao que parece considerado inevitável pelo próprio ministro Alkmim. Não é de crer, porém, que as concessões, aliás perigosas, feitas por aquele projeto, possam satisfazer aos americanos. As últimas notícias se referem a um plano de muito mais graves consequências. Este plano consistiria em reduzir as categorias de exportação de quatro para duas, elevando consideravelmente a remuneração dos exportadores. Enquanto as categorias atuais vão do limite número de Cr\$ 37,00 ao máximo de Cr\$ 67,00 por dólar, as novas categorias subiriam para 70 e 90 cruzeiros. Isto, está claro, daria grande satisfação aos fazendeiros de café, cacau, etc., e aos exportadores. Mas resultaria, por outro lado, em violenta subida do preço das divisas em cruzeiros para fins de importação. O que significaria,

em resumo, desvalorização do cruzeiro, elevação de todos os custos de produção e do custo da vida em geral.

Mas uma das piores consequências de tal reforma seria a imediata baixa dos preços externos de nossos produtos de exportação, principalmente do café, sem que possa haver esperança no aumento compensador do volume de vendas, sobretudo quando se agrava a crise na economia capitalista mundial.

Resulta, assim, que, enquanto os norte-americanos acenam com futuras concessões na questão do café, pressionam ao mesmo tempo no sentido de uma reforma cambial, que tornaria inteiramente fictícias aquelas concessões. Pois, descendo o preço do Santos-4, digamos a 35 cents por libra-peso, estabelecer quotas de importação seria o mesmo que dar remédio a um cadáver. E, por sinal, que possivelmente em virtude dos rumores de reforma cambial, as cotações do café vêm assinalando nos últimos dias tendência para a baixa. Esta, por enquanto, ainda é pequena, mas pode se acentuar com a próxima safra, que está para se iniciar. E assim se esboroaria todo o esquema de sustentação do café, deixando o imperialismo norte-americano à vontade para ditar as condições que quiser no que se refere a novos empréstimos pseudo-salvadores.

A situação oferece, pois, demasiados motivos de inquietação a todas as forças nacionalistas. Estamos indiscutivelmente em presença de uma das mais sérias ofensivas do imperialismo norte-americano e dos seus agentes entreguistas.

NOTA

Já estava este comentário composto, quando os jornais publicaram novas instruções da SLIMOC. Apesar do seu caráter parcial, é evidente que tais instruções confirmam as notícias sobre a projetada reforma cambial e abrem caminho para a mesma. O dólar do café e do cacau ainda não foi tocado. Mas para chegar até ele já foi estabelecido um perigo precedente.

OS SOCIALISTAS são apresentados, frequentemente, como inimigos da família. Este é um dos lugares comuns, um dos preconceitos anti-socialistas mais arraigados e difundidos, especialmente nos setores populares que menos conhecem a nossa doutrina e os nossos ideais, pois a fé na redenção dos homens da escravidão econômica não despertou a simpatia necessária para se compreender, mesmo sem um estudo mais aprofundado, um movimento social, e, precisamente a falta de qualquer cultura faz com que eles não conheçam nem sequer objetivamente, o que pretendem os socialistas.

A família é, essencialmente, uma organização moral. É o primeiro núcleo social que está acima do indivíduo, que impõe ao indivíduo obrigações e responsabilidades. A sua estrutura modificou-se através da história. No mundo antigo ela compreendia, além dos genitores e a prole, também os escravos, os clientes, os amigos. Sendo também um órgão de defesa e administração social, na família antiga agrupavam-se, em volta de um homem poderoso e rico, não somente a mulher e os filhos, mas também todos aqueles que, sozinho, teriam sido incapazes de administrar e proteger os seus interesses jurídicos, morais e econômicos e eram obrigados a submeter-se a algum poderoso, prestando-lhe vários serviços em troca da segurança e liberdade pessoal que este lhes garantia.

A medida que através da história se foi desenvolvendo a idéia e a instituição do Estado, os indivíduos foram adquirindo possibilidade e direito de gozar segurança e liberdade, mesmo fora da instituição familiar. A família reduziu-se ao seu núcleo natural — os genitores e a prole — mas, além de órgão de vida moral, continua sendo um órgão de defesa e de administração biológica e social. É nesta dupla função que reside o principal defeito da família, como está atualmente constituída.

Para nós, socialistas — ao menos para aqueles, e são a maioria, que não possuem a idolatria pelo Estado e não pensam que no

O Socialismo e a Família

Antônio GRAMSCI

PUBLICAMOS um artigo que Antonio Gramsci escreveu há quarenta anos, exatamente a 9 de fevereiro de 1918 no semanário da sessão socialista da cidade de Turim "Grido del Popolo". O artigo conserva o mesmo frescor e atualidade, pois o tema é novamente posto à baila pelos propagandistas burgueses. Gramsci desmascara os que apontam os socialistas como inimigos da família e reivindica para o ideal socialista o seu profundo valor humano e libertário.

regime socialista a educação dos filhos deva forçosamente ser confiada a instituições do Estado, impessoais, mecânicas e burocráticas — a família deve ser reintegrada na sua função exclusivamente moral, de preparação humana, de educação cívica. A família atual não pode preencher esta função. Atualmente, a maior preocupação dos genitores não é a de educar, de enriquecer a prole com o tesouro de experiências humanas legado pelo passado e que no presente continuam se acumulando. É, ao invés disso, a de prover o desenvolvimento fisiológico da prole, de assegurar-lhe os meios de subsistência, de garantir-lhe estes meios também para o futuro. A propriedade privada surgiu precisamente para isso. O indivíduo, tornando-se proprietário, resolve o angustioso problema da segurança vital para os seus filhos, para a sua mulher. Mas a solução que a propriedade privada deu a este problema é uma solução antihumana; a segurança para a prole torna-se um privilégio de uns poucos, e nós, socialistas, não queremos que seja assim, queremos que todos os que vêm ao mundo sejam assistidos no seu desenvolvimento físico e moral, que todos os que vêm ao mundo se encontrem em situação de igualdade ante os perigos e as ciladas do ambiente natural, e contem todos igualmente com os meios necessários para educar a própria inteligência, para dar à coletividade os frutos máximos do saber, da

pesquisa científica, da fantasia.

A abolição da propriedade privada e a sua transformação em propriedade coletiva, por tanto, somente poderá fazer com que a família seja aquilo que está destinada a ser órgão de vida moral. Num regime coletivista a segurança e a liberdade serão prerrogativas de todos indistintamente: os meios necessários à manutenção da família serão assegurados a todos. Os pais não serão mais assediados angustiosamente pela preocupação de andar em busca do pão para os seus filhos, e, tranquilamente, poderão exercer a sua função moral de educadores, transferir o facho da civilidade de uma geração a outra, do passado ao futuro.

Inimigos da família os socialistas, os proletários?

Como se explicaria o sacrifício tenaz do proletário que luta para redimir a sua classe, se lhe tirássemos o amor, a angustiosa preocupação pelo futuro dos seus filhos? O burguês se esforça e se esbaldia, talvez, para enriquecer individualmente, para constituir uma propriedade que possa legar a seus descendentes. Mas todo o seu esforço, todo o seu afã não é inspirado por um ideal universal; é empanado pelo privilégio que pretende perpetuar, querendo excluir os demais. O proletário luta e se esfalda porque quer deixar para os seus descendentes melhores condições coletivas de existência e de segu-



rança: realiza sacrifícios mais dolorosos, se necessário, até o sacrifício da própria vida, porque quer criar para os seus descendentes um futuro de paz e de justiça, no qual eles encontrem, indistintamente, sem nenhuma exceção, assegurados os meios de subsistência, de desenvolvimento intelectual e moral e que esses meios, acrescidos, possam ser transmitidos às gerações vindouras. Quem mais ama a família? Quem mais se preocupa com a sua consistência racional e moral? E no entanto, nós, socialistas, continuamos e continuaremos a ser, por certo tempo, junto aos tolos e ignorantes, os seus inimigos mais acérrimos, os seus mais vis detratores.

Somente a Unidade Derrubará Batista

O Comitê Nacional do Partido Socialista Popular, o Partido dos Comunistas cubanos, lançou, com a data de 13 de março, uma importante declaração, da qual publicamos os trechos principais:

«BATISTA FECHOU A PORTA À SOLUÇÃO PACÍFICA»

Operários e camponeses! Estudantes e profissionais! Homens e mulheres do povo!

Cubanos interessados na solução da crise!

Ao clamor de paz de toda a nação, o governo de Batista respondeu com soberba e violência. Em seu discurso de 10 de março demonstrou a decisão de opor-se recalcitrantemente às exigências democráticas de toda a Nação. A nova suspensão das garantias confirmou que a camarilha que controla o poder rejeita a paz e pretende dobrar a vontade popular e impôr o seu plano de farsa eleitoral a 1.º de Junho e o continuísmo à base de repressão e sangue.

Ungindo os seus pronunciamentos de hipocrisia, o governo tentou passar por partidário da paz. Ante a exortação do Episcopado Católico para que não fosse derramado sangue e os problemas do país fossem resolvidos por via pacífica, o general Batista respondeu com aparente humildade e aquiescência. Mas, ao manifestar-se desse modo, promoveu um gabinete à altura da situação (que afinal resultou ser tão reacionário como o anterior e, evidentemente, uma burla para a nação), e aceitou e saudou a chamada "Comissão de Cordialidade", com um único objetivo: ganhar tempo, deter a onda das massas que vinha crescendo e manobrar, não para retificar, mas sim para confirmar o seu plano antidemocrático em desafio aberto à maioria esmagadora do país.

Descoberta e revelada a manobra, Batista e Cia. despe o seu disfarce temporário e passam a esgrimir as armas da violência.

ROY RUBOTTOM APOIA BATISTA

O governo deu, assim, um golpe na exigência nacional

de eleições livres quev'ól? de eleições livres que viessem solucionar o problema. E diz a todo mundo que não as quer e que fará todo o possível para impor ao nosso povo uma nova farsa do tipo da de 1954. Ao que parece sente-se bastante fortalecido e apoiado pelo intrinsecamente sustentáculo que é o Secretário de Estado Adjunto dos Estados Unidos, Sr. Roy Rubottom, o qual, como porta-voz do imperialismo ianque, recentemente se pronunciou para declarar que o seu governo está satisfeito com o plano de Batista de realizar eleições a 1.º de junho, plano que, considera, irá "resolver" os problemas cubanos.



O tirano Fulgêncio Batista

O imperialismo americano é a favor desse plano, mas o nosso povo, a nação inteira, a ele se opõe. Isso é de uma tal evidência que ninguém o pode negar. O governo de Batista ergue-se praticamente, só com o apoio do imperialismo e das baionetas (parte das baionetas, porque no seio das forças armadas os patriotas, que não são poucos, estão contra a tirania), frente a toda a nação.

UM ÚNICO CAMINHO: A UNIDADE DE TÓDA A NAÇÃO

De nossa parte, temos feito todo o possível para abrir caminho da paz, o caminho das eleições democráticas como fórmula de salvação. Até os que lutam em Sierra

IMPORTANTES DECLARAÇÕES DO PARTIDO SOCIALISTA POPULAR — Batista fechou a porta à solução pacífica — Roy Rubottom apoia Batista — Um único caminho: a unidade de toda a oposição — O exemplo da Venezuela

Maestra com o fusil na mão declararam autorizadamente (em recente manifesto do "movimento 26 de Julho", firmado pelo Departamento de Cultura e Relações) que em momento nenhum se negaram a aceitar a solução pacífica, e que Fidel Castro assinalava «a possibilidade de uma fórmula eleitoral e clama por uma frente única». Temos considerado que esse caminho é o menos doloroso, um caminho que não pode ser recusado por quem quer que ame a sua pátria. Nossa posição, nesse sentido, tem sido consequente.

Mas agora, quando o governo impede o caminho às eleições livres como solução, emprega a violência e métodos antidemocráticos e se dispõe a prosseguir, a todo custo, praticamente contra a vontade de toda a nação, com o seu plano de farsa eleitoral a 1.º de junho. Que devemos fazer? Que deve fazer o povo?

Não temos dúvida nenhuma de qual seja a resposta a esta pergunta. Temos que unir todos — os comunistas e os do 26 de Julho, os da OA e os do Diretório Estudantil, os autênticos, os ortodoxos e os nacionalistas, todos os opositoristas, os católicos e não católicos, todos numa poderosa Frente Única da Pátria e lançar mão, decisivamente, de todos os nossos recursos para desenvolver conjuntamente a luta de todo o povo até que ela culmine — como proclama a segunda parte da nossa conhecida plataforma tática — de forma direta, pela ação desenvolvida das massas e da greve geral, na derrota e liquidação da tirania e sua substituição por um governo de ampla coalizão democrática compostos por todos os setores, partidos e grupos que tenham combatido e combatam a tirania.

Não temos perdido de vista, e não perderemos nunca, as possibilidades de solução através das eleições, mas, dadas as circunstâncias e em vista do ultimatum



Blas Roca, Secretário Geral do P.C. de Cuba

do governo ao povo, não resta neste momento outro caminho que não seja o de lutar ardentemente até forçar a camarilha de Batista a render-se e entregar o poder.

O EXEMPLO DA VENEZUELA

Agora, mais do que nunca, os que amamos a democracia e a pátria devemos unir-nos. Todos unidos, na luta pela liberdade dos presos políticos e sociais (inclusive os militares), pela cessação do terror e do estado de sítio, para por termo ao pesadelo das devassas à meia noite, torturas e assassinatos, pela liquidação dos órgãos de repressão fascista e pela punição dos culpados por assassinatos, torturas e agressões, pelas liberdades democráticas para todo o povo, pela derrota da tirania e por um governo de ampla coalizão democrática, capaz de tirar a nação da situação atual e conduzi-la pelo caminho da paz e da democracia, da independência, do desenvolvimento, do progresso e do bem estar (...).

(...) Na união está a força. O governo de Batista a esmagadora oposição que persiste porque a oposição, o enfrenta, está dividida. É necessário que esse estado

necessário que juntemos de coíslas termine. E' nossos esforços. Que abandonemos, cada qual, cada grupo ou partido, o sectarismo e as fórmulas estereotipadas. E' preciso passar por cima das ameaças diversionistas da "embalxada" e por cima dos oportunismos. E' indispensável, para Cuba, que nos unamos, comunistas e os do "26 de Julho", autênticos e nacionalistas, ortodoxos e independentes, os do Diretório e os da Libertação Radical, católicos e protestantes, os maçons e os que não têm crença alguma, todos. Acima das nossas divergências, unamo-nos por aquilo que nos é comum, como se uniram e triunfaram os ve-

nezuelanos (comunistas, os da ação democrática, urredistas e democratas cristãos)! Unamo-nos ante e inimigo comum e pela salvação da Pátria!

Abaixo o governo de Batista, que barra ao povo o caminho da solução pacífica! Viva a união democrática de toda a oposição! Por um governo de ampla coalizão democrática!

O Comitê Nacional do Partido Socialista Popular. Havana, 13 de março de 1958."

(Os subtítulos são da redação de VOZ OPERARIA)



MOSCOU — A 15 de maio último, o Presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS, Clement Corochilov, recebeu no Kremlin o embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Federal Alemã, Hans Krol, que faz a entrega de suas credenciais

A Quem Cabe a Decisão

Mário ALVES

AS NEGOCIAÇÕES de caráter econômico-financeiro, iniciadas em consequência do diálogo epistolar entre os srs. Kubitschek e Eisenhower, ocupam hoje o centro das atenções. Aprege-se nada menos que uma revisão das relações entre o Brasil e os Estados Unidos, uma «reavaliação do panamericanismo». Colhendo lições das desventuras de Mr. Nixon, o governo dos Estados Unidos estaria disposto a voltar sua atenção para o quintal latino-americano, a fim de «recompor a face da unidade continental» (Kubitschek), atingida pelas cusparadas dos patriotas peruanos.

Para entender o sentido dessas demarches, é necessário focalizá-las dentro do quadro da atual situação de nosso país. Elas se realizam depois do agudo conflito em torno da política do café, que teve como pivô o ministro da Fazenda. Seria de todo ilusório, porém, reduzir os motivos da contenda à permanência ou não do Sr. Alkmin no ministério. A causa real está no agravamento da situação econômico-financeira que o país atravessa, em particular nas dificuldades que afetam o setor cambial. A crise cafeeira reduziu sensivelmente nossa receita em divisas e provocou a alta vertiginosa do dólar nos leilões de câmbio. Resultado inevitável é a elevação do custo dos produtos importados e a perspectiva de restrição ulterior das importações, já agora ameaçando atingir itens essenciais ao desenvolvimento econômico do país, como equipamentos, combustíveis e matérias-primas.

Uma vez mais revelou-se, assim, a debilidade fundamental de nossa economia, resultante do seu atraso estrutural e do seu caráter dependente: um país que se industrializa não pode depender quase exclusivamente das exportações de café para um mercado que exerce papel monopolista. Foi posta em xeque, num dos seus pontos vitais, a política econômico-financeira do contraditório governo do sr. Kubitschek. As necessidades do desenvolvimento econômico do país impunham ao governo uma política enérgica em defesa da economia nacional, a sustentação decidida dos preços do café e outras medidas capazes de aliviar nossas dificuldades cambiais e ampliar nossos mercados de venda e de suprimento.

Quando o ministro Alkmin, expressando os interesses nacionais, lançou-se à política de defesa dos preços do café tornou-se alvo dos ataques concentrados do capital monopolista americano e de seus agentes. Agora os fatos vão deixando claro que a campanha contra o ministro e sua política cafeeira tem, na realidade, motivações mais profundas e de maior alcance. O que presenciamos é uma ação coordenada dos interesses monopolistas americanos e dos seus representantes brasileiros para modificar radicalmente a política econômico-financeira do país, mediante a eliminação de vários dispositivos favoráveis ao nosso desenvolvimento econômico.

O mais grave, porém, é que os recentes atos do governo brasileiro levam água no moinho dessas maquinacões. A carta do sr. Kubitschek ao presidente norte-americano e as conversações com o sr. Rubottom indicam que o governo se inclina a buscar uma saída para

a difícil situação de nosso comércio externo não em uma nova política, capaz de trazer soluções efetivas aos problemas do desenvolvimento do país, mas na repetição da velha política que nos conduziu à situação de dependência em face dos trustes americanos. Nisto se revela, mais uma vez, o caráter vacilante deste governo, no qual se entrecrocavam correntes nacionalistas e agrupamentos entreguistas. Depois de ter defendido com tenacidade os preços do café, volta-se para os Estados Unidos à cata de empréstimos, como se nisso residisse a solução de nosso problema cambial.

Mas os fatos, em sua crueza, começam a dissipar as ilusões dos que acreditam na tábua da «boa vizinhança» entre nossos países explorados e os monopólios ianques que os exploram. A carta de Eisenhower, em resposta ao apelo do sr. Kubitschek, deixa claro que a «reafirmação de devotamento ao panamericanismo» só pode ser aceita pelos monopolistas norte-americanos à base de compromissos colonialistas, humilhantes e nocivos aos países latino-americanos, como os estatuidos na Declaração de Caracas. Há portanto um perigo real, segundo as denúncias veiculadas pela imprensa e por parlamentares, de que os anunciados empréstimos americanos abram caminho a novas concessões ruins. Não é outra a razão da campanha solerte pela nomeação de um conhecido agente do capital estrangeiro, como o sr. Lucas Lopes, para o ministério da Fazenda.

Da maior gravidade é a denúncia formulada pelo «Diário de Notícias» sobre a exigência norte-americana de que sejam desviados da Petrobrás os recursos provenientes do imposto único sobre combustíveis, com o objetivo de tornar nossa empresa petrolífera dependente de empréstimos ianques. Por outro lado, o governo já deu início, na prática, às modificações cambiais exigidas pelas autoridades financeiras americanas. Com a elevação do «custo de câmbio» para trigo, petróleo e derivados, recebe novo impulso a alta de preços. A elevação da sobretaxa para a importação de equipamentos destinados a empresas essenciais ao desenvolvimento econômico exigirá maiores inversões da Petrobrás e das hidrelétricas estatais. Efeito igualmente negativo terá a elevação «considerável das bonificações para os produtos exportados, com exceção do café e do cacáu. Importando em nova desvalorização do cruzeiro, esta medida poderá influir para uma queda ainda maior dos preços externos de nossos produtos. São, ao que tudo indica, os primeiros passos para uma completa reforma cambial exigida pelos americanos.

A aceitação das condições impostas pelos magnatas do dólar constituiria um retrocesso brutal em nosso processo de desenvolvimento e não pode ser tolerada pelas forças interessadas no progresso e na libertação econômica do país. Amadurece a consciência de que a solução para as dificuldades que o Brasil enfrenta não pode consistir no aumento de nossa dependência ao imperialismo norte-americano, mediante uma política de concessões e compromissos, e sim na realização de uma política nacionalista clara e definida, de caráter global e coerente. Não

podemos tutar contra a baixa dos preços de nossos produtos de exportação apenas através de «arreglos» com o mercado monopolista dos Estados Unidos, sem uma política audaz de abertura de novos mercados, inclusive no mundo socialista. Se nos faltam divisas para realizar importações na área do dólar, não devemos aceitar passivamente a desvalorização do cruzeiro, mas incrementar as importações de outras áreas. A restrição da remessa de lucros das empresas estrangeiras é outra medida necessária, quando escasseiam dólares para as importações essenciais. Impõe-se a anulação do escandaloso privilégio concedido às firmas allenígenas, que importam equipamentos sem cobertura cambial, e a elaboração de medidas legislativas que estabeleçam a seleção das inversões estrangeiras de acordo com os interesses nacionais.

Uma política econômico-financeira autenticamente nacionalista é hoje uma exigência de forças cada vez mais atuantes e poderosas. A vitória da chapa nacionalista no Clube Militar comprovou que 80% da oficialidade da ativa das forças armadas se declaram abertamente pelo nacionalismo, sem temer as campanhas anticomunistas. O clamor nacional por uma política externa independente, que inclua o estabelecimento de relações com o campo socialista, é mais forte a cada dia que passa. Defendem ativamente os princípios nacionalistas o movimento estudantil, organizado em escala nacional, e o movimento operário, cujo poderio aumenta com o fortalecimento da unidade sindical e a conquista de novas leis que consolidam direitos dos trabalhadores.

Existem condições, portanto, para uma ação unitária das correntes nacionalistas em torno das questões vitais que hoje preocupam a nação. A dispersão destas forças, resultante das disputas eleitorais e partidárias, pode e deve ser superada em face das novas ameaças que se opõem ao desenvolvimento independente do país. Longe de constituir um obstáculo à mobilização das forças nacionalistas, a campanha eleitoral pode se tornar um fator estimulante, se o eleitorado exigir de cada candidato sua definição em face dos problemas nacionais em debate.

A atividade dos diversos setores representativos do nacionalismo influirá decisivamente para obstar novos atentados entreguistas e impor a mudança de rumos no sentido de uma nova política. A ação dos nacionalistas pode impedir o acesso de entreguistas como Lucas Lopes a postos ministeriais e levar ao maço as concessões antinacionais relacionadas com o empréstimo americano.

Ao jovem e vigoroso movimento nacionalista brasileiro cabe agora tomar a iniciativa das mãos dos agentes dos círculos financeiros americanos e dos que vacilam na defesa dos interesses nacionais. A decisão caberá aos estudantes e aos operários, aos militares e aos industriais, aos intelectuais e aos parlamentares nacionalistas, que já venceram os trustes em combates memoráveis e não se curvarão agora às suas humilhantes imposições.

O DESENVOLVIMENTO econômico e o amononamento do mundo colonial imperialista geraram no Brasil o movimento nacionalista. Nacionalismo é hoje um sentimento que rapidamente se avoluma e ganha em todos os setores da vida brasileira o que se expressa num desejo definido: impulsionar o processo de desenvolvimento econômico do país, a sua industrialização, como um dos fatores essenciais à nossa libertação econômica.

Eis, porque, o nacionalismo de nosso povo choca-se tão fortemente com os planos do imperialismo norte-americano, o mais interessado em manter o país no atraso e na miséria, limitado às condições de mero fornecedor de matérias-primas para o exterior. Daí a política dos partidários da submissão aos monopólios ianques visando dividir as forças cada vez mais poderosas, que lutam hoje pelo progresso e a emancipação nacional de nossa pátria.

Com esse objetivo, os agentes intelectuais do imperialismo lançam mão das mais variadas teses, como por exemplo, a de que o «nacionalismo brasileiro nada mais é do que um esforço dos comunistas para romper com a nossa tradicional amizade com os EE.UU. e fazer assim o jogo da URSS».

O nacionalismo porém vai abarcando novas forças, já começa a deixar de ser um sentimento geral para se transformar em importante movimento, o que torna obsoletas essas e outras teses imperialistas.

Os inimigos de nosso progresso tratam, pois, de lançar mão de novos argumentos que tendo como ponto de partida a aceitação formal da existência do movimento nacionalista procuram, no entanto, servir aos monopólios estrangeiros. Entre estas, um vem sendo atualmente bastante explorado. É o do «nacionalismo sem comunistas».

«Precisamos saber distinguir devidamente o nacionalismo puro, sadio, do nacionalismo dos comunistas» gritam certos órgãos de imprensa bastante conhecidos por suas relações com os trustes ianques fazendo eco a certos «nacionalistas» de última hora. Atrás da tese revela-se esta idéia bem clara: já que não podemos atacar o nacionalismo de frente, ataquemo-lo pelos flancos. Isto é, procuremos solapar-lhe as bases tentando excluir do mesmo os comunistas, porque eles são fator de unidade e coesão do movimento.

Essa tese vem merecendo a repulsa de destacadas personalidades e organizações

A Solução Positiva, Fator de Unidade

Zuleika ALAMBERT

Integrantes do movimento nacionalista. Um exemplo disso é a declaração do presidente da UNE no jantar de encerramento do III Conselho Nacional da entidade, em Curitiba: «Não devemos permitir que nos dividam na questão do nacionalismo, amedrontando-nos com o falso nacionalismo, com um nacionalismo impuro ou menos sadio».

Não duvidamos. O combate cerrado a qualquer discriminação é uma tendência que tende a ganhar mais vigor. Contudo, não basta. Os imperialistas e seus agentes internos sempre poderão lançar mão dessa tese, desde que o movimento se restrinja às declarações agitativas, formais, ao palavreado óco, às formulações empeladas sem qualquer conteúdo prático. Torna-se muito mais difícil a discriminação quando a questão é colocada em termos da defesa da Petrobrás, da aplicação da política governamental para os minerais atômicos ou ainda quando nos referimos à política de defesa dos preços do café e assim por diante. Nesses casos, o nacionalismo não pode sofrer mistificações de qualquer espécie. O grande divisor de águas que salta aos olhos não é a orientação filosófica, religiosa ou doutrinária dos indivíduos ou organizações mas sim a orientação nacionalista ou entreguista dos mesmos. Somente em tais casos a unidade das forças nacionalistas estará resguardada de possíveis rompimentos.

Disto já se dão conta numerosos brasileiros que procuram se organizar em comissões, grêmios, círculos e centros de estudo, que procuram realizar fóruns de debates, cursos, seminários e conferências tendo como objetivo o estudo dos problemas relacionados com a realidade brasileira e a procura de soluções adequadas para os mesmos. Na medida em que esses estudos e a pesquisa florescerem, multiplicar-se-ão inevitavelmente, as soluções em consonância não com os anseios deste ou daquele pequeno grupo, mas com os de toda a nação, de todo um estado, município, bairro ou empresa. Nesse sentido vêm-nos do Rio Grande do Sul um bom exemplo: o estudo apro-

fundado sobre a atividade da Comissão de Energia Elétrica Riograndense naquele Estado possibilitou chegar à conclusão de que a saída mais condizente com as necessidades do Estado é a encampação da empresa da Bond and Share, empresa que já canalizou para os EE.UU. quantias muito superiores aos seus investimentos.

Por ser justa, a decisão unificou todo o povo do Rio Grande do Sul.

Como força de unidade e coesão, os comunistas deveriam estar profundamente empenhados nesse esforço que visa solucionar os problemas mais agudos do país. Todavia ainda estão longe de exercer devidamente esse papel, o que torna mais fácil a exploração de certas teses por parte dos imperialistas e entreguistas de toda sorte. Por que isso ocorre? A nosso ver a razão é simples.

Nossa antiga política, embora corrigida teoricamente na «Declaração sobre a Política do P. C.», não foi ainda extirpada de nossa prática. Habitados ao trabalho agitado em torno àquilo que fazíamos no dia quando chegásemos ao poder, sentimos hoje grandes dificuldades em substituí-lo pela ação política diária, construtiva, de quem sente que precisa fazer algo agora e não num futuro remoto, lá para as calendas gregas. Passar da luta contra tudo para a luta a favor de alguma coisa é algo ainda extremamente difícil para certos camaradas conquanto seja bastante necessário. Precisamos desenvolver esforços para corrigir essa falha.

Como comunistas estamos certos que o pleno desenvolvimento da economia nacional só será possível quando forem liquidados os dois entraves que o impedem sistematicamente: a dominação imperialista e o monopólio da terra. No entanto, é preciso considerar que a prática ensina que certas soluções positivas ajudam a ir organizando a força social capaz de passar das reformas parciais às mudanças de base. Nas atuais condições do país qualquer solução que conduza ao progresso econômico choca-se, inevitavelmente, com o imperialismo

norte-americano, passa a ser um baluarte na luta de emancipação nacional. A batalha pela conquista e defesa do monopólio estatal do petróleo é nesse sentido um magnífico exemplo.

O reconhecimento dessa verdade é um dos aspectos essenciais da nova política dos comunistas. A nova tática traçada na «Declaração sobre a Política do P. C.» deixa bem claro que os caminhos a seguir passam agora pelas soluções positivas para os problemas brasileiros. Passam pelas soluções viáveis, que embora não liquidando os trustes vão cercando sua ação, limitando-os desalojando-os de certas posições, forçando-os a certos recuos que possibilitam a acumulação de forças e aumentam as energias dos nacionalistas. Aqui novamente podemos citar o exemplo do Rio Grande do Sul. O desejo de encampação da subsidiária da Bond and Share é um velho sonho de muitos nacionalistas gauchos, o que hoje pode ser possível em virtude do desenvolvimento da Cia. Estadual de Energia Elétrica (CEEE), a qual após receber continuado apoio por parte do Estado (concessão de uma taxa especial de eletrificação de 10% sobre os impostos, decretada pela Assembléia em favor da Comissão; promoção da Comissão de simples grupo de estudo, para levantamento do problema da energia elétrica no Rio Grande, à autarquia monopolística com o objetivo de produzir e distribuir toda a eletricidade necessária ao estado, etc.) conseguiu triplicar o total da potência instalada de energia elétrica no Estado, detendo hoje 80 por cento de sua produção. Numerosas usinas e redes de distribuição foram sendo por ela construídas paulatinamente sem qualquer ajuda ou empréstimo do exterior. Numa verdadeira política de cerco e estrangulamento do truste estão hoje os gauchos em condições de pieiteia, a encampação do mesmo a chegar até a eliminá-lo em Porto Alegre, em 1960, quando então estará construído o seu próprio sistema de distribuição instituindo tarifas mais baixas, caso o governo federal não determine a encampação do truste.

Em conclusão, a solução positiva facilita a unidade entre as forças mais heterogêneas que integram a frente única, dá-lhes força e vigor em sua luta, e, o que é bastante importante, coloca em posição difícil de dos os que procuram fazer da chantagem anticomunista um instrumento de divisão das forças que hoje se levantam pelo progresso e emancipação de nossa pátria.

JK, os Postulados de Caracas e a Recomposição Entreguista QUEM É LUCAS LOPES, CANDIDATO DOS IANQUES AO MINISTÉRIO DA FAZENDA?

A IDA DO EMISSÁRIO do sr. Juscelino Kubitschek a Washington, o conteúdo da carta enviada ao general Eisenhower, em torno da qual houve um jogo de contradições e tentativas de despolitamento, a vinda do sr. Rubottom ao Brasil com a resposta do presidente americano ao presidente brasileiro, são fatos que se ligam às notícias a respeito da substituição do sr. José Maria Alkmin pelo sr. Lucas Lopes no Ministério da Fazenda.

Fala-se na organização de uma lista de nomes a ser apresentada ao sr. Juscelino Kubitschek. Para camuflagem! Tudo indica já estar escolhido o sr. Lucas Lopes. Há verdadeira conspiração em círculos do entreguismo, apontando-se como figuras centrais dessa conspiração os srs. Lucas Lopes, Roberto Campos e San Tiago Dantas. Os dois primeiros, ostensivamente colocados na posição de homens dos trustes. O terceiro, tão entreguista quanto os dois primeiros, agora fantasiado de trabalhista, depois de uma conversa relampago, através da qual se transferiu de um para outro campo, na política nacional.

VOLTA AO REGIME DE LUZ-CAFÉ

Com o sr. Lucas Lopes no lugar outrora ocupado pelo sr. Eugênio Gudin, reforçado o novo gabinete Kubitschek através de outras figuras a serviço da Standard, da Light e da Bond and Share, teríamos, assim, por obra e graça de curules mágicas, a reincarnação do governo Café-Luz-Café, servindo de "medium" o exímio político de Diamantina. Seria desse modo apoiado, à espora do movimento de 11 e 21 de Novembro, a bem da unidade americana, a que se referiu, quando desembarcou no Galeão, o secretário-adjunto portador da carta do sr. Eisenhower.

LIQUIDAÇÃO TOTAL

As primeiras declarações oficiais do sr. Rubottom não deixam dúvidas a respeito dessa manobra de bastidores que tem como objetivo a retirada mais solidamente ao carro do Departamento de Estado. Segundo versões ainda não desmentidas, a Petrobrás iria na voragem, queimada com a mesma euforia com que se queimam verbas na atropelada construção de Brasília.

Informações de fontes suspeitas? É claro que algumas dessas informações surgiram na imprensa que faz oposição ao governo. Mas foram parcialmente confirmadas em jornais que não cortaram suas amarras com o situacionismo. Assim, não é mistério que o secretário-adjunto, despatchado para o Rio de Janeiro, trouxe condições humilhantes, de natureza política, subordinando a essas condições a concessão dos empréstimos nos quais determinadas figuras que se ligam ao Catete estão vendo a salvação única para as dificuldades momentâneas que o Brasil atravessa no terreno financeiro.

NÃO PODE HAVER ILUSÕES

O debate aberto, que se tem feito há tantos anos em torno dos métodos colonialistas adotados pelos norte-americanos em relação ao Brasil não permite ilusões a respeito de questões essenciais. Ninguém ignora, por exemplo, que a fusão do capital bancário com o capital industrial caracteriza a oligarquia financeira norte-americana. Essa oligarquia governa os Estados Unidos e, através do Departamento de Estado, seus tentáculos avançam por todo o mundo capitalista. Dessa forma, antes de ser um representante da Casa Branca e do sr. Eisenhower, o sr. Rubottom é um emissário expedido pelos grupos financeiros Morgan, Rockefeller, Mellon e Dunont. Que veio negociar no Brasil o secretário-adjunto para assuntos latino-americanos não significa formas de exportação de capital, por meio de empréstimos a um governo? Que interesses representa ele então o de trustes concessionários de serviços públicos, do tipo da Light e da Bond and Share, ou então de empresas exploradoras de riquezas como o petróleo e os minerais atômicos? Os interesses máximos capitalistas nesse gênero de relações internacionais representam a parte do leão. As conversações ago-

ra abertas entre o governo do sr. Kubitschek e o emissário do governo americano não cessam, assim, uma tentativa caricata de "arreglo de cuentas" entre o lobo e o cordeiro.

Quando fala em novas bases de relações entre o Brasil e os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que procura substituir patriotas por entreguistas em postos-chave, que pode esperar o sr. Juscelino Kubitschek? Que seu velho amigo pessoal Eisenhower e o emissário especial Mister Rubottom descubram, para que sejam aplicadas no Brasil, novas formas de política imperialista, que tornem nosso desenvolvimento industrial, que não se estribem na pilhagem de nosso petróleo e de nossos minerais atômicos, que não pretenda impor o estabelecimento de preços vis para o café e demais produtos brasileiros de exportação, que não imponham uma política de comércio que seja favorável aos Estados Unidos não pode deixar de ser maléfica para o Brasil?

LUCAS E ROBERTO

Nenhum artifício será capaz de ocultar a gravidade da situação que se está criando para o Brasil. Ao mesmo tempo em que desembar-

Talhado à imagem e semelhança de Eugênio Gudin, homem da Light e da Bond and Share de quatro bilhões de cruzeiros — Cria de Benedito Valadares, aparentado com o próprio pro com êle, uma dupla de inimigos jurados do desenvolvimento do país — Os exemplos da FNM 113 em benefício da American Can — A tendência de recuo do primeiro magistrado provoca

ca no Rio um emissário de Washington portador de imposições que mesmo em círculos chegados ao governo são consideradas como humilhantes, são projetados os nomes de figuras como os srs. Lucas Lopes e Roberto Campos.

Ainda agora, a propósito do movimento que empolga o Rio Grande do Sul, para encampação da subsidiária da Bond and Share que all funciona, vimos as imposições do sr. Lucas Lopes, no sentido de que fosse afastado o sr. Noé de Freitas, que é um engenheiro nacionalista, do cargo de presidente da Comissão Estadual de Energia Elétrica. Essa imposição foi feita pelo sr. Lucas Lopes e também em nome dos americanos.

A frente do Banco Nacional do Desenvolvimento esse senhor não tem feito sinal de financiar empreendimentos estrangeiros. Há cerca de seis meses, deu êle à Light e à Bond and Share financiamentos da ordem de seis bilhões de cruzeiros para Furnas. Ninguém ignora, nem pode o sr. Juscelino Kubitschek ignorá-lo, que o sr. Lucas Lopes é homem de confiança da Light e da Bond and Share.

CRIA DO SR. VALADARES

Uma determinação a toda prova, de servical daquelas

Milhares de moscovitas tem corrido à sala de exposição onde se acha exposto o modelo do III satélite (Sputnik) artificial da Terra, lançado pelos cientistas soviéticos, em maio último. A foto fixa um momento da visita, quando era dada explicação detalhada sobre o explorador do espaço.



empresas, eis a credencial que empresta notabilidade ao homem que o sr. Juscelino Kubitschek pretende transformar em ministro da Fazenda. Seus conhecimentos de finanças são precários, segundo se afirma. Lidando com empreendimentos elétricos, nada entende de eletrificação, comento pela mão de equipes dos dois grandes trustes ianques.

Como explicação para tanta manha descoberta, considera-se que tudo tem como origem ser o sr. Lucas Lopes cria do sr. Benedito Valadares, além de parente afim do presidente da República.

O CONVÊNIO DO TRIGO

O convênio do trigo, destinado a matar a triticultura brasileira, foi promovido pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, constituindo uma das muitas contribuições dos srs. Lucas Lopes e Roberto Campos em sua faixa de nos atrelar ao carro dos norte-americanos. Ao mesmo tempo que nos obrigamos, pelo convênio do trigo, a importar excedentes americanos que lá dão despesas de armazenagem e que só poderiam ter como destino a queima ou o fundo do mar, desencoraja-se, aqui pondo-a em perigo, a progressista triticultura brasileira cujo desenvolvimento evitará que continuemos consumindo divisas na importação de produto agrícola, sendo nós, em grande parte, um país de economia agrícola. Há

cêria de dez anos a importação de trigo consumia 20 por cento de nossas divisas. Não faz muito tempo era o Brasil, país de economia agrícola, o segundo país importador de trigo, no mercado mundial. Apesar dos êxitos conseguidos pela triticultura, principalmente no Rio Grande do Sul, a revista norte-americana "Visão", publicada em nosso país em português, procura demonstrar que a triticultura brasileira é antieconômica. E qual o remédio que esses senhores receitam para o caso do trigo brasileiro, cuja exploração julgam antieconômica? Firmam por obra e graça do sr. Lucas Lopes o Convênio do Trigo, através do qual o excedente americano de trigo passa a ser excedente brasileiro, pois fomos nessa transação obrigados a adquirir 1.800.000 toneladas de trigo americano, em parcelas de 600.000 toneladas anuais, durante três anos, a partir de 1957.

O OUTRO

O sr. Lucas Lopes forma com o sr. Roberto Campos uma dupla infernal. Falemos agora um pouco desse outro. Com efeito, no BNDE o sr. Roberto Campos não fez outra coisa senão liquidar o Brasil, em proveito dos americanos.

É o sr. Roberto Campos partidário da mesma doutrina antidesenvolvimentista do sr. Eugênio Gudin, segundo qual, antes de se pensar em industrialização e desenvolvimento, é preciso reduzir a taxa de crescimento para conter a inflação. Segundo Gudin e o seu discípulo Roberto Campos, o Brasil deve se voltar mais para a sua "matéria" de país exportador, aplainar as veleidades de industrialização.

Esses senhores (Roberto Campos, Lucas Lopes e Gudin) acham que o Brasil deve ver dar colaboração investida aos Estados Unidos. Segundo a política que defendem, somente a tutela americana permitirá que o país vá para adiante.

O CASO DA FNM

A frente do BNDE, o sr. Roberto Campos após as maiores dificuldades do desenvolvimento da Fábrica Nacional de Motores, quebra as lanças no sentido de que não sejam ampliados os cursos da FNM. Alegava que a FNM devia abandonar o plano de fabricação de tratores, pois estes inicialmente seriam importados. Assim, os agricultores não comprariam tratores nacionais. Prosseguiu com sua argumentação, afirmava o sr. Roberto Campos que seria preferível importarmos tratores a taxas baixas de subvenção cambial. Só não lhe ocorria a idéia de conceder essas mesmas a ve-

ROBERTO CAMPOS

três facilidades aos planos de fabricação do trator nacional, encorajando-se esse empreendimento por meio de toda uma política protecionista. Esta política, no entanto, viria contrariar a tradição imposta pelo sr. Roberto Campos ao BNDE, que é a de conceder as maiores facilidades às empresas estrangeiras, mesmo com prejuízo da economia nacional.

ENTREGUISMO SEM RESTRIÇÕES

A respeito dos minerais de ferro brasileiros, o sr. Roberto Campos alimenta idéias verdadeiramente extremadas. Assim, sustentou em grupos de trabalho do BNDE a entrega irrestrita desses minerais aos americanos e aconselhou a venda aos ianques de empresas economicamente sólidas, como a Acesita, o Vale do Rio Doce e a Companhia Nacional.

O CASO DO TRIGO

Também a respeito da questão do trigo afinam-se perfeitamente as orientações dos srs. Roberto Campos e Lucas Lopes. O atual superintendente do BNDE, diante de dificuldades surgidas quanto ao problema de armazenagem do trigo americano que somos obrigados a com-



Tancredo Neves: seu nome foi aventado para o M. da Fazenda

prar segundo o Convênio, assim se pronunciou: "Essa mania de produção nacional de trigo é a única causa desse problema". Para sair da dificuldade apresentada pela transformação dos excedentes americanos em excedentes brasileiros, propunha também o sr. Roberto Campos que se continuasse a produção nacional, até perdarmos a iniciativa na triticultura, mesmo com o apodrecimento do produto brasileiro. Tudo seria permitido, desde que se desse

ROBERTA LIMA

preferência ao trigo americano.

O ELOGIO DE «VISÃO»

Na revista «Visão» Roberto Campos é apresentado como um realista-otimista, entre rasgados elogios. Elogios e também algumas informações que o interessam. Assim, publicamos os «eyes man» estudou economia na Universidade George Washington, fazendo curso de pós-graduação, na Universidade de Columbia. Remontando ao início de seus estudos, a revista informa que Roberto, que chegou a receber ordens menores no Seminário de Corumbá, em formação clássico-humanista. Ainda hoje lê latim, mas o conhecimento de grego está enferrujado por uma longa excursão na Economia...

RESPOSTA

Contudo, enquanto o sr. João Neves, teórico da alienação progressiva da soberania nacional, tece lóias nas colunas do «GLOBO» à Declaração de Caracas mencionada na carta de Eisenhower, erguem-se os estudantes, representando quatorze faculdades da Universidade do Brasil, contra a ofensiva colonialista diante da qual, intelectualmente, o sr. Kubitschek dá sinais de recuo. Na Câmara, o sr. Adalberto Barreto apresenta requerimento de informações a respeito das demarches processadas diretamente pelos chefes de Estado do Catete e da Casa Branca e consequentes imposições feitas a nosso país como condição para a concessão de um empréstimo em dólares, imposições estas que envolvem, inclusive, o controle de nossas Alfândegas pela América do Norte e a liquidação da Petrobrás, para controle do petróleo brasileiro à Standard Oil.

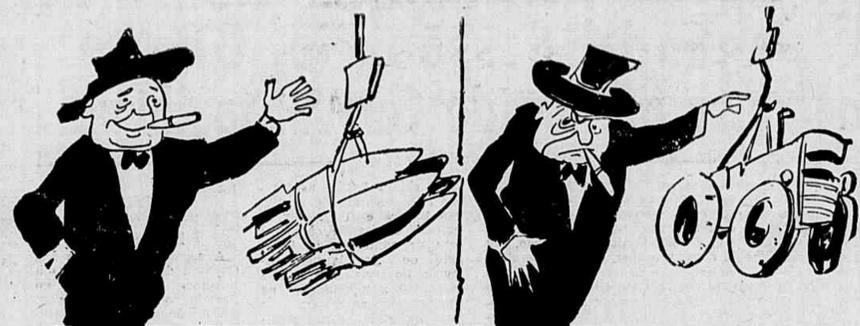
O EXEMPLO DO RIO GRANDE

Em face do exemplo escandaloso da Bond and Shere no Rio Grande do Sul, resolveu o deputado Nelson Amegna, do PTB de São Paulo, pedir, através de proposição a ser apresentada na Câmara, o tombamento dos bens da Light e da Bond and Shere em todo o Brasil, com vistas à encampação dessas empresas, as quais, segundo é notório, já auferiram lucros que representam o patrimônio trazido pelo Brasil multiplicando centenas de vezes.

DESCONTENTAMENTO

Também não se desliga desse ambiente de descontentamento em face de posições equivocadas do Catete em relação aos americanos, o movimento de deputados do PSD de São Paulo, cogitando de um rompimento formal com o sr. Juscelino Kubitschek, sob alegação de que o governo federal está prejudicando sistematicamente a indústria e a lavouira do Estado bandeirante.

Por fim, mal anunciam as exigências de Washington, mal se caracterizam as atitudes de recuo do sr. Kubitschek, já se observa por outro lado a mobilização das forças patriotas, objetivando barrar as investidas dos americanos e de seus agentes no Brasil, que são os entreguistas do tipo dos srs. Lucas Lopes e Roberto Campos, apontados nas últimas listas de promoção entregues ao presidente da República, a fim de que se formalize uma escolha que muita gente afirma já está feita, de acordo com os planos de Washington e segundo a doutrina da Conferência de Car-



A AJUDÁ NORTE AMERICANA...

E A AGRESSÃO SOVIÉTICA

Para combater o nacionalismo e opor restrição à atitude de seus seguidores, na entrevista do sr. Roberto Campos há uma alusão à necessidade imperiosa de se recorrer ao «supranacionalismo de mercados e produtos». Curiosa coincidência com a tese da carta de Eisenhower a Kubitschek, na qual o presidente e norte-americano aponta ao colega brasileiro o caminho do super-nacionalismo da Decima Conferência Internacional de Caracas, isto é, a aceitação da intervenção aberta norte-americana em assuntos internos dos outros países do continente.

A INSTRUÇÃO 113

E como se fosse necessário deixar bem claras as afinidades entre o sr. Roberto Campos a esse outro exemplo do entreguismo que é o sr. Eugênio Gudin, o superintendente do BNDE toma na entrevista a defesa ardente da famosa Instrução 113 da SUMOC, ainda agora posta em foco por meio da campanha da American Can, que pretende penetrar na indústria nacional de latarias, através da doutrina contrária ao desenvolvimento nacional, particularmente no que concerne ao entrave do crescimento de nossa indústria. Assim, condena a política de cambio destinada a proteger o surto de desenvolvimento da indústria, responsabilizando-a pela atual crise cambial. Para dourar a pilula, a certa altura de suas declarações o sr. Roberto Campos concebe que "não é propriamente a industrialização que provoca a crise, mas a adoção de métodos errados de industrialização".

REAÇÕES

Reações de várias espécies já se manifestam em torno da anunciada modificação do Ministério e em vários pontos-chave da administração, modificação essa que coincide com a troca de cartas entre os srs. Kubitschek e Eisenhower e a vinda do sr. Roy Rubottom ao Brasil, com a proposta de volta à política intervencionista de Caracas.

RESPOSTA

Vemos, em algumas dessas reações, manifestadas através da imprensa, uma tendência bastante ingênua, que é a de atribuir à carta do sr. Kubitschek ao presidente americano habilidades maquiavélicas, no bom sentido do maquiavelismo, no que ele apresentava de patriótico.

RESPOSTA

No caso presente, o irrequieto político de Diamantina apresentar-se-la forrado de astúcias florentinas, maneando o seu florete contra o perigoso adversário de Washington.

RESPOSTA

Para combater o nacionalismo e opor restrição à atitude de seus seguidores, na entrevista do sr. Roberto Campos há uma alusão à necessidade imperiosa de se recorrer ao «supranacionalismo de mercados e produtos». Curiosa coincidência com a tese da carta de Eisenhower a Kubitschek, na qual o presidente e norte-americano aponta ao colega brasileiro o caminho do super-nacionalismo da Decima Conferência Internacional de Caracas, isto é, a aceitação da intervenção aberta norte-americana em assuntos internos dos outros países do continente.

RESPOSTA

Vemos, em algumas dessas reações, manifestadas através da imprensa, uma tendência bastante ingênua, que é a de atribuir à carta do sr. Kubitschek ao presidente americano habilidades maquiavélicas, no bom sentido do maquiavelismo, no que ele apresentava de patriótico.

RESPOSTA

No caso presente, o irrequieto político de Diamantina apresentar-se-la forrado de astúcias florentinas, maneando o seu florete contra o perigoso adversário de Washington.

LAUREADOS COM O PRÊMIO INTERNACIONAL DA PAZ «LENIN» DE 1950

Anualmente, a 24 de abril, por ocasião do aniversário de Lênin — o fundador do Estado Soviético, o primeiro Estado Socialista do mundo — o governo da URSS distribui prêmios a personalidades de diferentes países que mais se distinguiram na luta pela paz, suprema aspiração dos povos. O Prêmio Lênin Internacional da Paz é um testemunho da política de paz da União Soviética — uma prova do apoio do povo soviético aos esforços de outros povos pela manutenção da paz mundial. Este ano, os laureados com o Prêmio Internacional da Paz "Lênin" representam quatro países europeus — França, Tchecoslováquia, República Democrática Alemã e Suécia — e um país asiático, o Japão.



João Goulart — Deão da Faculdade Teológica Evangélica da Techeoslóvia.

A Segunda Sessão do Oitavo Congresso do Partido Comunista Chinês

Em maio último realizou-se em Pequim a segunda sessão do VIII Congresso do Partido Comunista Chinês. Seus trabalhos se prolongaram de 5 a 23 de maio.

A sessão iniciou-se com um informe do camarada Liu Chao-tsi sobre a atividade do Comitê Central do Partido. Liu Chao-tsi tratou da situação contemporânea, da linha geral do Partido na construção do socialismo e as tarefas atuais.

Liu Chao-tsi destacou em seu informe que no período de mais de um ano decorrido entre a primeira e a segunda sessões do VIII Congresso, o Partido levou à prática com acerto e desenvolveu a linha e a política elaboradas na primeira sessão, tendo alcançado grandes sucessos em todos os ramos de atividade.

Na primeira parte de seu informe o camarada Liu Chao-tsi analisou a situação internacional e interna atuais, fez um balanço dos êxitos do movimento pela retificação do estilo no trabalho e as conquistas no poderoso impulso da produção industrial e agrícola, assim como da construção, que se observou nos primeiros quatro meses deste ano. O informe acrescentou que na construção do socialismo vivemos o grande período previsto por Karl Marx, quando "um dia

nista chinês traçou as tarefas fundamentais da revolução técnica e da revolução cultural, criticando os pontos de vista contrários à linha geral do Partido na construção do socialismo, e fundamentou a necessidade de desenvolver ao mesmo tempo a indústria e a agricultura, a indústria centralizada e a indústria local, as grandes, médias e pequenas empresas.

O camarada Liu Chao-tsi destacou que, graças à efetivação da linha geral do Partido, na construção do socialismo, incrementam-se em larga escala as forças produtivas sociais na República Popular da China, cresce consideravelmente a produtividade do trabalho no país; em 15 anos ou num prazo mais curto a indústria chinesa alcançará e ultrapassará a Inglaterra no volume dos principais produtos industriais; a agricultura chinesa ultrapassará rapidamente os países capitalistas; a ciência e a técnica chinesas, à base da execução do programa de 12 anos de fomento da ciência, têm possibilidades para atingir o mais elevado nível

mundial.

CONTRA O DOGMATISMO E O EMPIRISMO

A seguir, o camarada Liu Chao-tsi deteve-se, em seu informe, nas tarefas do Partido no movimento pela retificação do estilo no trabalho, do melhoramento da atividade estatal e do fortalecimento da direção partidária. Referindo-se à questão da direção partidária, acentuou a necessidade de intensificar o trabalho ideológico e o trabalho político, a necessidade da luta contra o dogmatismo e o empirismo e da adoção do materialismo e da dialética na atividade prática, a necessidade de acabar com a fé cega, ampliar o trabalho criador e inovador, conquistar a verdade e ser os vanguardeiros e porta-bandeira da revolução.

O ENCERRAMENTO DA SESSÃO

A segunda sessão do VIII Congresso do PC chinês teve lugar a 23 de maio. Foram baseadas no informe sobre então aprovadas resoluções a atividade do Comitê Central, sobre a Conferência de

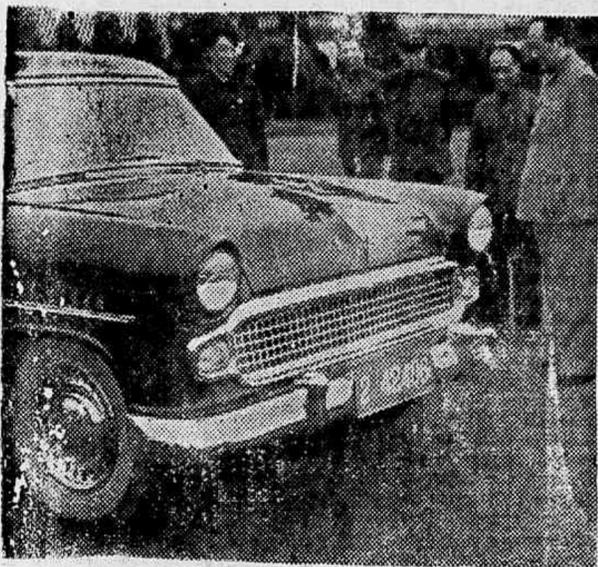


Moscou dos Partidos Comunistas e Operários, assim como sobre as tarefas básicas do fomento da agricultura da República Popular da China.

A sessão elegeu mais 25 camaradas como candidatos a membro do Comitê Central do Partido.

A sessão refletiu as vitórias no movimento pela retificação do estilo no trabalho e na luta contra os elementos direitistas, refletiu o

grande salto na construção do socialismo. A sessão foi considerada como uma sessão de retificação do estilo no trabalho, de luta contra o revisionismo internacional, de luta contra a penetração nas fileiras do Partido de elementos direitistas, de elementos que assumem posições localistas e nacionalistas — a sessão da grande reviravolta.



DO PARTIDO
Na segunda parte de seu informe Liu Chao-tsi tratou detalhadamente da linha geral do Partido na edificação do socialismo. Disse que os pontos básicos da linha geral do Partido — com todas as forças que desejam avançar e construir o socialismo segundo o princípio "muito, rapidamente, bem e economicamente" — devem consistir no seguinte: pôr em movimento todos os fatores ativos, resolver acertadamente as contradições no seio do povo; fortalecer e fomentar a propriedade social de todo o povo e a coesão internacional do proletariado; continuar a revolução social nas frentes econômica, política e ideológica, levando a cabo gradativamente a revolução técnica e cul-

tural; nas condições do desenvolvimento preferencial da indústria pesada, fomentar simultaneamente a indústria leve; nas condições da direção centralizada, desenvolver a produção multilateral, da divisão do trabalho e da cooperação, fomentar simultaneamente a indústria centralizada e a indústria local, simultaneamente desenvolver as empresas grandes, médias e pequenas. Tudo isto tem por objetivo, o quanto possível transformar mais rapidamente nosso país num grande Estado socialista com uma indústria moderna, com uma ciência e cultura de vanguarda.

AS TAREFAS FUNDAMENTAIS

Nesse mesmo capítulo de seu informe, o líder comu-

PROBLEMAS de NOSSA POLÍTICA

A INDEPENDÊNCIA DO PROLETARIADO DENTRO DA FRENTE ÚNICA

Na frente única nacionalista participam todas as forças interessadas no desenvolvimento independente e progressista do país. Desde o proletariado, classe revolucionária mais consequente, até parcelas das mais conservadoras da sociedade brasileira. Na frente única, essas forças não se fundem, elas mantêm a sua fisionomia própria. Isso porque, sendo extremamente heterogêneas pelo seu caráter de classe, possuem interesses diversos em função dos quais lutam. Mas, embora tendo interesses diferentes, essas forças também possuem objetivos comuns. É isso que torna possível a frente única.

O proletariado ao participar da frente única, tem objetivos comuns com as demais classes e camadas sociais que dela participam. Mas, a unidade de objetivos não implica na ausência de uma política independente da classe operária. Pelo contrário é, precisamente por isso que o proletariado deve, não só manter a sua independência política, orgânica e ideológica, mas inclusive reforçá-la.

A classe operária é o lutador mais consequente da frente única. A classe mais profundamente interessada na sua vitória. Enquanto as demais forças que participam da frente única atingem o seu objetivo final nesta etapa da luta revolucionária, o objetivo final da classe operária está mais além, na construção da sociedade socialista. A luta por esse objetivo não poderá sequer ser iniciada sem que seja alcançada a libertação nacional, o desenvolvimento econômico independente do país e a democratização do seu regime político. Por isso, o proletariado está vitalmente interessado em que a frente única nacionalista seja completamente vitoriosa em sua luta. A perda da independência política por parte do proletariado significaria, pois, privar a frente única da sua força mais consequente.

O objetivo superior do proletariado está na construção do socialismo, como já dissemos. Por isso, o Partido político do proletariado é também necessário para preparar política e ideologicamente a classe operária a fim de passar à ulterior etapa da revolução, a etapa socialista. Se isso não acontecesse, a classe operária ficaria aban-

donada na frente única, à mercê da ideologia burguesa e transformada em simples força auxiliar da burguesia. Além do mais, como força mais interessada na completa libertação nacional, o proletariado luta para conquistar a hegemonia dentro da frente única. A fim não só de assegurar posições para o ulterior desenvolvimento da revolução, mas também para melhor poder desempenhar o seu papel unificador das forças democráticas e nacionalistas.

Na frente única existe unidade em torno do objetivo fundamental que é a libertação nacional e o desenvolvimento progressista do país. Mas também existem contradições geradas por diferentes opiniões quanto às formas de conduzir a luta, pela diversidade dos interesses imediatos das classes e camadas sociais que compõem a frente única. É o caso, por exemplo, que se verifica entre o proletariado e a burguesia. São duas classes principais do regime capitalista e, portanto, profundamente interessadas na luta que hoje travamos pelo progresso da nação. No entanto possuem interesses contraditórios. Quando se trata das reivindicações imediatas da classe operária, essas duas forças se chocam. «A bur-

guesia, diz a Declaração do C.C., se empenha em recolher para si todos os frutos do desenvolvimento econômico do país, intensificando a exploração das massas trabalhadoras e lançando sobre elas o peso das dificuldades». Assim, classe operária e burguesia lutam entre si dentro da frente única. Em maior ou menor grau, essa luta dentro da frente única verifica-se também entre as demais forças heterogêneas que a integram. Nestas condições, é necessário fazer com que essas forças não percam de vista o que é fundamental e condicionem os seus interesses imediatos aos superiores interesses da nação. Fazê-las compreender que, em benefício da luta de todo o povo contra o imperialismo norte-americano e seus agentes, a luta dentro da frente única deve ser conduzida de modo adequado, a fim de não romper a unidade na luta contra o inimigo principal do povo brasileiro.

O proletariado é quem melhor pode desempenhar esse papel. Só ele pode, ao mesmo tempo que luta pela causa comum de todas as classes e camadas sociais que se opõem à exploração imperialista norte-americana, defender os seus interesses específicos e os das vastas massas trabalhadoras, garantindo, assim, que a frente única siga o curso que mais convém aos interesses nacionais, o curso da luta consequente pela libertação nacional e não o dos compromissos com o inimigo.

Como classe mais avançada da sociedade, o proletariado tem condições para tudo isso, mas, para estar à altura dessas tarefas, precisa fortalecer cada vez mais a sua independência política, orgânica e ideológica, fortalecendo o seu Partido

político, e sua vanguarda marxista-leninista.

A existência do Partido Comunista se apresenta, assim, como uma necessidade histórica para que o proletariado possa afirmar a sua independência de classe e desempenhar o seu papel de força mais consequente e, poristo mesmo, mais unitária dentro da frente única nacionalista.

Os comunistas constituem precisamente, dentro do movimento operário, aquele setor da vanguarda, que, armado da teoria marxista-leninista, tem consciência dos objetivos finais do proletariado e capacidade para traçar a estratégia e a tática, que conduzam a estes objetivos.

A ação independente do proletariado só é compreensível se as grandes massas operárias se colocam sob a direção do seu partido comunista. Privada desta direção, a classe operária não consegue ultrapassar os limites da luta por objetivos limitados e, nas questões políticas gerais, acaba, de um modo ou de outro, seguindo a orientação de outras forças sociais, em particular da burguesia.

Afirmando a independência de classe do proletariado, a ação dos comunistas, poristo mesmo, se exerce do modo mais unitário dentro da frente única nacionalista. Isto porque, partindo dos interesses do proletariado, os comunistas não podem ter pontos de vistas estreitos e egoístas, não podem padecer de inconsequência e, assim, cedo ou tarde, aparecem como o elemento unificador por excelência das demais forças. É, pois, da atuação unificadora consequente dos comunistas, na frente única que resultará a afirmação do seu papel dirigente. Mas isto não se consegue senão através de um árduo processo, cuja duração depende da nossa capacidade de persuadir e da experiência prática, que as forças componentes da frente única vão adquirindo na luta política. Por aí se compreende, também, o quanto são nocivos os métodos sectários, que impedem aos comunistas de exercer este papel de força mais unitária dentro da frente única.



...foi lançado festivamente à água no norte da China, este navio, de construção chinesa, de 5 mil toneladas.

DEPOIS DA GREVE — A LUTA CONTINUA

Na madrugada do dia 6, do mês de junho, os diretores do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos do Rio de Janeiro, do Sindicato dos Empregadores, representantes do Ministério do Trabalho e do Vice-Presidente da República, Prefeito do Distrito Federal e outros, assinaram as bases do acordo para a cessação da greve dos empregados dos ônibus do Distrito Federal, que se iniciou na madrugada do dia 5, paralisando quase totalmente esse sistema de transporte, tão importante da capital do país.

Constituiu uma expressiva vitória dos motoristas, despachantes e trocadores de ônibus e de sua organização sindical e mais uma derrota infligida ao decreto anti-greve 9.070, instrumento de repressão, que serviu à polícia-política para prender, espancar e aneagar de processo os grevistas.

Razões da Greve

Há mais de dois anos esses sacrificados trabalhadores vêm pleiteando melhorias em seus salários. No dia 27 de novembro do ano passado teve desfêcho a questão salarial no Tribunal Regional do Trabalho: obtiveram um aumento geral de 35 por cento sobre os salários percebidos em 3 de março de 1956. Essa decisão prejudicava os trocadores, por exemplo, pois, como ganham o salário mínimo, se computava para os cálculos, não o mínimo elevado em agosto de 1956, mas o que vigorava antes — de 2.400 cruzeiros. Para os motoristas o aumento foi de cerca de 70 cruzeiros, tomando-se em conta o salário-base profissional, que era de 200 cruzeiros diários. O Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários recorreu dessa decisão ao Tribunal Superior do Trabalho para corrigir essas injustiças.

Durante essa campanha, os proprietários dos ônibus, lotações, etc., pleitearam aumento de tarifas a fim de conceder o aumento. Uma Comissão Especial, sob os auspícios da Prefeitura Municipal, arbitrou o aumento das tarifas em 28 a 50 por cento de acordo com a Portaria 534 — que passou logo, a vigorar, isto é, a partir de 27 de novembro do ano passado. Os cálculos

foram baseados sobre o salário-base do motorista a 268 cruzeiros diários, calculado com o aumento de 35 por cento concedido pelo TRT.

O TST reformou essa decisão, reduzindo o aumento de 35 para 15 por cento, mas sobre os salários de outubro de 1956, abandonado os vigorantes em março de 1956. Assim, os motoristas que obtiveram um aumento de 70 cruzeiros diários (o que serviu de cálculo para aumento de tarifas de 28 a 50 por cento), sofreram uma redução diária de 40 cruzeiros, ficando o seu salário em 230 cruzeiros, despachantes em 155 cruzeiros e trocadores em 150 cruzeiros. Esta decisão foi tomada em 27 de março do corrente ano.

Como se pode inferir dessas notas houve uma clamorosa injustiça contra os motoristas de ônibus, cuja profissão é insalubre e perigosa. E, no entanto, as tarifas aumentadas continuaram e continuam em vigor. Acresce mais ainda: com a atitude do Sindicato, recorrendo da decisão do TRT, muitos empregadores ainda não tinham pago o aumento decidido por esse órgão de justiça do trabalho.

Era não somente em defesa da melhoria de seus salários, como protesto da exortação de que o povo carioca é vítima com a conivência

da Prefeitura, é que foi deflagrada a greve.

Dois Dias de Luta

A greve durou dois dias. No segundo dia a paralisação foi quase total, atingindo inclusive muitos lotações. Piquetes de greve funcionaram ativamente. Tanto o governo federal, como o municipal, tiveram de concentrar sua atenção na solução do movimento grevista.

A polícia política desde os primeiros instantes se pôs a serviço dos proprietários dos ônibus. Com a declaração de um funcionário do MTIC, dizendo que a greve era "ilegal", entrou logo em ação invadindo a sede do sindicato às 3,30 horas, com o intuito de deter a Diretoria do Sindicato e o Comando de Greve. Nesse instante o Quartel General dos grevistas se transferiu para a sede da UNE, defendida pelos estudantes até o final do movimento. Além das forças da polícia política foram mobilizados efetivos da polícia militar e do exército, com o objetivo de impedir a extensão da greve e atemorizar os grevistas. Durante o movimento foram presos 244 grevistas, que já foram libertados, devido à luta de seus companheiros.

Solidariedade Operária e Estudantil

Imediatamente, os trabalhadores e os sindicatos se mobilizaram em favor dos grevistas. O Conselho Consultivo da CNTI, os sindicatos do transporte urbano, os marítimos, todos os demais sindicatos do Distrito Federal e os de São Paulo, tomaram medidas para auxiliar os rodoviários em luta. A participação dos estudantes foi de grande importância, principalmente no segundo dia do movimento. A UNE, a UME, a AMES, estiveram à frente da luta, em perfeita e estreita ligação com os grevistas e as outras organizações sindicais.

A solidariedade operária, a dos estudantes, foi de enorme valia na pronta solução do conflito.

O Significado do Acôrdio

Pelos termos do acôrdio os rodoviários ganharam: o pagamento dos atrasados, isto é, o recebimento do aumento dado pelo TRT, desde 27 de novembro do ano passado, em duas etapas, em 15 de junho corrente e 15 de julho próximo, continuando a perceber esse aumento, isto para os motoristas e para os despachantes e trocadores de acordo com a decisão do TST de 27 de março deste ano.

Segundo, não haverá punição ou demissão para ninguém por motivo da greve, isto é, anulam-se as medidas tomadas com a chamada "ilegalidade" da greve. Terceiro, os empregados demitidos antes da eclosão do movimento, também serão beneficiados com o pagamento dos atrasados.

Além disso, o MTIC e o Prefeito do Distrito Federal constituirão uma Comissão Especial, com a presença das partes interessadas, para rever em 45 dias, no máximo, as tarifas de todo o transporte coletivo em auto-ônibus e o MTIC compromete-se a acolher e encaminhar o pedido de equiparação pretendida pelos trabalhadores, dos salários já pagos por empresas de transporte coletivo, conforme a verificação registrada

Reportagem de Roberto MORENA

no processo 153.428/58 do MTIC.

Esta última cláusula é importante porque há empresas, como a S-111, Estrela do Oriente, que paga os 270 cruzeiros diários, a Bandeirante, as linhas 104, São Bento, atingindo mais de 10 empresas que pagam já esse salário aos motoristas. Prova suficiente para a referida e justa equiparação.

As tarefas da Comissão Especial de revisão de tarifas é também de importância, porque há uma decisão municipal que não permite nenhum aumento anual nos preços do transporte de mais de 12 por cento, mas que foi burlada pelo aumento de 28 a 50 por cento, em vigor atualmente.

A Luta Continua

Não foi uma vitória completa. Mas os trabalhadores saíram reforçados dessa luta e o Sindicato ganhou um novo e vigoroso impulso. Considera-se a aceitação do acôrdio com uma trégua nesta luta.

As obrigações que o Sindicato contraiu com os rodoviários são grandes. A equiparação, a revisão de tarifas, a anulação completa dos processos, enfim, o prosseguimento da campanha de melhoria salarial e das condições de trabalho, são os pontos mais altos da atual campanha do Sindicato. E isso só será conseguido com a maior mobilização de todos os sócios ou não do Sindicato, da melhor e mais unida atuação da Diretoria e do Comando da luta.

No movimento também se pôs em evidência a necessidade de um melhor e mais completo entrosamento dos sindicatos de transporte urbanos: ônibus, lotações, bondes, principalmente no tocante à luta por melhores salários e condições de trabalho.

Lições e Ensinamentos

deixou

inúmeras lições que devem ser examinadas pelos dirigentes e militantes sindicais.

Uma delas consiste em que antes de deflagrar um movimento de tal natureza ou amplitude, será de bom alvitre uma comunicação a todos os demais sindicatos a fim de que a solidariedade se organize com mais rapidez e eficiência. Outro fator a corrigir é a atuação dos organismos superiores, como as Confederações e Federações. Esses organismos continuam ausentes nesses movimentos; seus dirigentes negligenciam seus deveres e os compromissos assumidos, deixando a solução dos conflitos entre empregados e empregadores entregues a outros organismos e pessoas que não pertencem à classe operária.

Faltou também nesse movimento uma ampla explicação ao povo, que é tão sacrificado nos transportes.

Temos a certeza de que se os grevistas explicassem os motivos do seu movimento à população, teriam angariado uma completa simpatia de todos os que são obrigados a se servir desse meio de transporte.

E, por último, nos movimentos grevistas é necessário que os trabalhadores não percam o controle da luta e nem permitam que em seu nome se faça demagogia ou se dividam suas forças.

Como a luta continua, temos as lições e ensinamentos da greve devem ser objeto de estudo e exame não só dos dirigentes do Sindicato, como de todos os rodoviários, porque assim se preparará melhor, estarão mais aparelhados para conquistar a vitória, poderão reforçar sua unidade, multiplicar suas energias e a solidariedade de todos os trabalhadores e suas organizações sindicais.

Assim completarão a vitória, cujo caminho já foi iniciado.

VITORIOSA A «GREVE TARTARUGA»

27,5% DE AUMENTO GERAL PARA OS TELEGRAFISTAS E ANEXOS — 15 POR CENTO PARA OS ESTAFETAS

Os telegrafistas, radiotelegrafistas e radiotelefonistas de todo o país, que há 50 dias vinham lutando por aumento de salários e que, finalmente, deflagraram o movimento que se tornou conhecido como «greve tartaruga» chegaram a acôrdio com as companhias empregadoras.

O aumento conseguido pelos trabalhadores é de ... 27,5% para os telegrafistas, radiotelegrafistas e radiotelefonistas e de 15% para os estafetas, devendo ser pago a partir de 1º de maio passado.

da vitória obtida, o presidente da Federação Nacional dos Telegrafistas disse que, após 50 dias de luta, não fora possível conseguir melhores bases de aumento, mesmo porque a política do Governo consistiu em afirmar que a elevação do custo de vida não atingiu a 12%. Isso indica que na sua luta por melhores salários dos trabalhadores precisam estar melhor preparados para provar às autoridades e aos patrões aquilo que é evidente para todos — as proporções assustadoras a que atinge o custo de vida.

Acontecimentos da Vida Sindical

Mais de 60 mil metalúrgicos do Distrito Federal estão em campanha de aumento salarial. A diretoria do sindicato já se dirigiu aos patrões iniciando os entendimentos e em próxima assembleia os trabalhadores decidirão sobre o "quatum" a ser pleiteado.

O ministro do Trabalho homologou acôrdio firmado entre várias companhias do grupo Light, do Estado de São Paulo e os respectivos Sindicatos de Trabalhadores, para aumento de 20 por cento de salário para os operários, com um máximo de 3 mil cruzeiros.

Dirigentes da Coligação das Associações de Servidores Públicos do Estado de S. Paulo fizeram entrega ao governador Jânio Quadros de um projeto de lei, pleiteando a revalorização dos atuais padrões de vencimentos e referências salariais daqueles funcionários.

O Sindicato dos Estivadores de Santos apresentou denúncia ao capitão dos portos do E. de S. Paulo, de que estivadores têm sido apresentados em notas de diversas companhias de vapores como estando presentes ao trabalho, quando na verdade não trabalharam nesse dia nos navios referidos. Outras vezes figuram os estivadores como trabalhando ao mesmo tempo em navios diferentes. Isso prejudica os estivadores e o sindicato com relação ao auxílio enfermidade e quando do computo das horas de trabalho para efeito de cálculo de aumentos salariais.

Os trabalhadores nas Indústrias de Laticínios, de S. Paulo, prepararam-se para por em execução a decisão tomada em 27 de maio último, de realizar greves em cadeia, por empresa, caso os empregadores se neguem a atender às suas reivindicações.

Os portuários de Imbituba, Sta. Catarina, foram vitoriosos na sua greve. Obtiveram 1.800 cruzeiros de aumento.

O Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos, do Rio, está mantendo um curso para os seus associados, destinado a dar-lhes orientação sindical e para a vida prática. Iniciativa que deve ser imitada por outros sindicatos.

O deputado Elias Adame desfez, na Câmara, a argumentação dos que alegam que a aposentadoria será um onus muito grande para os Institutos, ao demonstrar que essas autarquias gastam apenas 20 por cento das suas arrecadações com os segurados.

O Sindicato dos Ferroviários da Leopoldina enviou memorial aos deputados e senadores, pela rejeição do veto presidencial à emenda da Lei de Aposentadoria que assegura o reajustamento dos proventos dos aposentados.

Também os sapateiros da Capital Federal estão em preparativos para campanha de aumento de salário.



Em Moscou, acaba de realizar-se uma sessão do Comitê Administrativo da União Internacional dos trabalhadores do transporte, docas e pesca. A sessão teve lugar na Casa Central dos Sindicatos Soviéticos. Falam: R. Ávila, representante de Cuba, secretário da referida União (acima) e Hsiao Hsu-Tchich, membro do Comitê Central do Sind. dos Trabalhadores do transporte da China.

Obras de Irrigação na Síria Com Ajuda da U.R.S.S.

IMPORTANTE PLANO DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA, QUE ABRANGE MEDIDAS PARCIAIS DE REFORMA AGRÁRIA — EMPRÉSTIMO SOVIÉTICO FOMENTARÁ O PROGRESSO DO PAÍS

O Governo do Líbano traiu o Pacto Tripartido dos Partidos Políticos e os legítimos interesses da Nação, aderiu à doutrina Eisenhower. Aconteceu, depois, que não se cumpriram as promessas imperialistas e o Líbano atolou-se no precipício da ruína social e econômica.

Para defender a sua independência e reatar as relações com os países árabes e socialistas, o povo libanês se mantém em greve total, desde mais de 40 dias. Sucedeu, após, que os súditos ingleses, franceses e norte-americanos abandonaram o País, sucumbindo numa guerra fratricida.

A Síria, porém, preferiu encetar relações com a URSS e conseguiu um avultado empréstimo a juros de 2,5% ao ano.

A irrigação ocupa o primeiro item do quadro dos projetos a cuja realização se destinam os créditos cedidos pela URSS, de acordo com os Convênios celebrados em ..

28-10-1957.

Os projetos que abrangem os estudos, as pesquisas, as maquetes, as máquinas, os açudes as represas e os canais, bem como a sua construção, absorvem 55% do total do empréstimo soviético e se destinam à irrigação de 1.100.000 hectares do território sirio, do qual grande parte é próprio do Estado, situados nas seguintes regiões:

Eufrates, 800.000 hectares; Khabur, 150.000; El Assi, 110.000; El Senna, 12.000; El

Rante, 5.000; Mozalriba, 7.000 e El Kabir, 3.000.

Está orçado em 1.417.000.000 libras sírias o custo total dessas obras importantíssimas e imprescindíveis para a completa independência econômica da Nação. Uma vez terminadas, o Governo sirio, hoje da RAU, iniciará a cobrança das somas investidas, aos compradores de terrenos e aos donos de terrenos beneficiados, de acordo com o regulamento seguinte:

1) — Os donos de terrenos

menores de cem hectares, efetuarão o pagamento referente às obras de beneficiamento, terão a faculdade de pagarem as despesas relativas ao terreno, ou à vista ou em dez prestações anuais, como poderiam saldar a dívida, em troca de uma parte do terreno no valor da soma a pagar.

2) — Os donos de terrenos superiores a cem hectares efetuarão o pagamento, cedendo ao governo uma parte do terreno equivalente às despesas.

3) — Não querendo o Governo da RAU empregar o dinheiro da Nação em benefício de um restrito número de indivíduos que adquiriram enormes extensões territoriais a preço ínfimo, diligenciará a distribuição desses terrenos beneficiados entre famílias sem recursos, não podendo caber a cada cidadão mais de dez hectares. O pagamento poderá ser efetuado à vista ou em quinze prestações anuais, a juros de 4% ao ano.

colas poderão adquirir terrenos, nas condições do item 3; os juros, porém, serão de apenas, 2% ao ano.

A execução desses projetos proporcionará à Província Norte da RAU a criação de um novo Rife (campos fertilizados à beira de rios), três vezes maior que todas as terras irrigadas na Síria, até hoje, além da elevação do nível de vida dos trabalhadores rurais.

Segundo os cálculos dos técnicos, o Governo arrecadará como valor dos terrenos vendidos e pagamento de despesas pelos proprietários beneficiados, durante os primeiros dez anos (1958-1967), a soma de 796 milhões de libras e, durante os dez anos seguintes (1968-1977), 1.410.000.000; isto é, o Governo receberá, durante os vinte anos vindouros, a soma de 2.205.000.000 de libras sírias. Assim, haverá no Tesouro, um excedente de 810.000.000 para o financiamento de novos projetos de fomento agrícola.

VIDA dos Partidos COMUNISTAS e OPERÁRIOS

O VII CONGRESSO DO P.C. BÚLGARO

A 2 deste mês teve lugar em Sofia, o sétimo Congresso do Partido Comunista Búlgaro.

ORDEM DO DIA

Foi a seguinte ordem do dia do Congresso:

1 — Informe do Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro, apresentado pelo Secretário do Comitê Central, Todor Jivkov.

2 — Informe da Comissão Central de Controle, a cargo do presidente da Comissão, Jordan Kastrandiev.

3 — Diretrizes do VII Congresso do Partido Comunista Búlgaro sobre o terceiro plano quinquenal de desenvolvimento da República Popular da Bulgária para o período de 1958 a 1962. Informante: o presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Bulgária — Anton Jugov.

4 — Eleição dos órgãos centrais do P.C. Búlgaro.

UNIDADE DO PARTIDO
O Congresso do Partido Comunista Búlgaro se prolongou até 7 de junho, quando se encerrou solenemente num grande comício em Sofia. Nesse comício falaram diversos representantes dos Partidos Comunistas e Operários Irmãos e do P.C. búlgaro, inclusive o Primeiro

Secretário do Comitê Central do P.C. da Bulgária, Jivkov e o Primeiro Secretário do C.C. do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Kruschiov. Em seu discurso, o líder soviético regosijou-se pela notável prova de vitalidade política demonstrada pelo P.C. búlgaro e por sua unidade, reveladas durante o Congresso. Kruschiov acrescentou que o povo soviético tem interesse em que se consolide a paz na região dos Balcãs e no mundo inteiro. Kruschiov exaltou a tradicional amizade dos povos soviéticos e búlgaro, afirmando que nenhuma força no mundo conseguirá separar estes povos.

FOMENTO DA INDÚSTRIA
Antes da sessão de encerramento do VII Congresso do PC búlgaro foram eleitos o novo Comitê Central e a Comissão Central de Controle. Foi aprovado também o plano quinquenal de desenvolvimento econômico para os anos de 1958 a 1962. Segundo esse plano a produção da indústria pesada da Bulgária aumentará durante o quinquênio em 77 por cento e a indústria leve em cerca de 50 por cento. Crescerá também a produção agrícola.

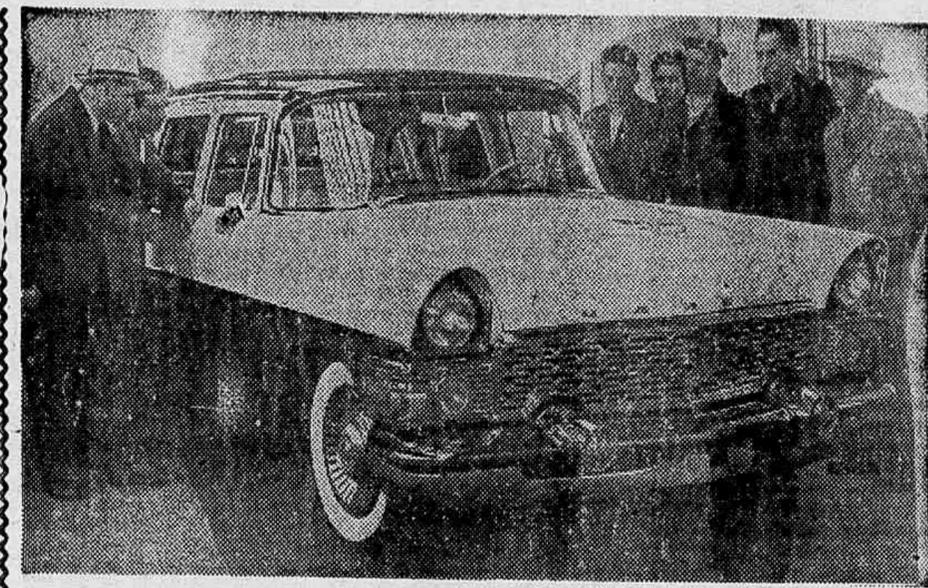
de sua revisão. Guardando inviolavelmente e multiplicando as gloriosas tradições revolucionárias da classe operária búlgara, seguindo as indicações do grande líder do movimento comunista búlgaro e internacional, Jorge Dimitrov, os comunistas búlgaros, sob a direção de seu Comitê Central, demonstraram elevada posição de princípio e estoicismo na luta pelas grandes idéias do internacionalismo proletário, pela unidade do poderoso campo socialista e o movimento comunista mundial.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética almeja de todo coração aos comunistas búlgaros e a todos os trabalhadores búlgaros novas vitórias na construção do socialismo, na luta pelo florescimento de sua Pátria livre e feliz, pelo reforçamento da unidade e da amizade entre os povos de todos os países socialistas, na luta pela paz em todo o mundo.

Viva e floresça a fraternal República Popular da Bulgária!

Sobre o Assassinato do Presidente do PC da Bélgica

Ha quase oito anos, a 18 de agosto de 1950, foi traiçoeiramente assassinado em Bruxelas o Presidente do Partido Comunista da Bélgica, Julien Lahaut. Os autores do hediondo crime não foram descobertos então, e somente há pouco, em abril último, apresentou-se à Corte de Apelação de Bruxelas o mandatário do assassinato. Tratava-se de um aventureiro de alto bordo, de nome Emile Delcourt que havia roubado 20 milhões de francos belgas. Ao ser condenado, Delcourt revelou espontaneamente perante a Corte de Justiça ter financiado o ato terrorista de bandidos para eliminar o dirigente comunista belga. O dinheiro procedeu, em parte, do chamado «Fundo Cardeal Mercier», destinado a financiar órgãos de imprensa reacionários e anticomunistas. (Devemos lembrar que o assassinato de Julien Lahaut ocorreu nos



A indústria automobilística soviética acaba de lançar um novo modelo de automóvel de passeio "Tchaika" é o nome do novo carro, de linhas sóbrias e de grande beleza, como atesta o clichê acima

gária e seu heroico povo — construtor do socialismo!
Viva o Partido Comunista da Bulgária — provado dirigente e guia do povo búlgaro!

Que se reforce e se desenvolva a eterna e inquebrantável amizade dos povos soviéticos e búlgaro, a unidade e a coesão dos povos de todos os países socialistas!

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

SOMENTE O MARXISMO DESCOBRIU O ÚNICO MÉTODO CIENTÍFICO E UNIVERSAL DE CONHECIMENTO DA NATUREZA E DA SOCIEDADE. CONHEÇA-O, ESTUDANDO OS CLÁSSICOS

POLÍTICA	
Obras Escolhidas de Lênin (I vol.)	25,00
Obras Escolhidas de Lênin (II e III vols.) cada	45,00
Obras escolhidas de Marx e Engels (I vol.)	90,00
Questões Fundamentais (G. Plekhanov)	50,00
Concepção Materialista da História (G. Plekhanov)	35,00
O 18 Brumário de Napoleão Bonaparte (K. Marx)	40,00
As Lutas de Classes na França (K. Marx)	40,00
Salário, Preço e Lucro (K. Marx)	10,00
O Socialismo e a Emancipação da Mulher (Lênin)	20,00
FILOSOFIA	
Materialismo Dialético (Ins. de Filosofia da URSS)	80,00
Da Teoria Marxista do Conhecimento (M. Rosental)	80,00
CIÊNCIA	
A Origem da Vida (A. Oparin)	40,00
A Albumina e a Vida (A. B. Braunstein)	25,00
O Vóo no Espaço Cósmico (A. Sternfeld)	100,00
O ABC do Sistema Solar (V. G. Fesenkov)	100,00
História da Antiguidade (A. V. Michulin)	100,00
EDUCAÇÃO	
A Educação na URSS (Paschoal Lemme)	60,00
A Educação Norte-Americana em Crise (Prefácio de F. Lemme)	70,00
O Socialismo e a Educação dos Filhos (A. S. Makarenko) ..	40,00
A Educação Comunista (M. I. Kalinin)	35,00
LITERATURA	
Um Homem de Verdade (Boris Polevól)	80,00
A Colheita (Galina Nikolaieva)	80,00
A Tragédia de Sacco e Vanzetti (Howard Fast)	80,00
Coolie (Mulk Raj Anand) Famoso escritor indiano	80,00
O Cavaleiro da Esperança (Vida de L. C. Prestes) escrita por Jorge Amado	80,00
DIVERSOS	
Revistas Chinesas, Alemãs, Rumanas, Soviéticas, etc. Cartões, Postais, Gravuras Isoladas, Albums, Estôjos de gravuras, etc.	
RUA JUAN PABLO DUARTE, 50 — Sobrado — Tel.: 22-1613 (ANTIGA RUA DAS MARRECAS) — D. FEDERAL	
COMUNICAMOS QUE ATÉ O DIA 18 DE MAIO ESTAREMOS COM A NOSSA BARRACA NA FEIRA DO LIVRO, (PRAÇA FLORIANO, EM FRENTE A CAMARA DOS VEREADORES BARRACA N.º 8), DESCONTO NA BARRACA: 20 POR CENTO.	

Mensagem do PC da URSS ao VII Congresso do PC Bulgaro

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética saúda ardentemente os delegados ao VII Congresso do Partido Comunista Búlgaro e lhes deseja novos êxitos na construção do socialismo.

O Partido Comunista Búlgaro, guiando-se inflexivelmente pelos princípios marxista-leninistas e seus exemplos fecundados nas condições de seu país, alcançou grandes êxitos na construção da sociedade socialista. O socialismo conquistou na República Popular da Bulgária uma vitória decisiva não somente nas cidades mas também no campo. A rica experiência de vosso partido na causa da reorg-

nização da agricultura e uma valiosa contribuição à teoria e à prática da edificação socialista.

Na luta pela construção de uma nova vida reforçou-se ainda mais a união da classe operária e do camponato trabalhador, fortaleceu-se a unidade moral e política do povo búlgaro, elevou-se sua atividade no trabalho, numa demonstração de ulterior reforçamento do Estado socialista, como poderosa arma na edificação da nova sociedade.

O Partido Comunista Búlgaro conduz bem alto a invencível bandeira do marxismo-leninismo e luta firmemente pela pureza revolucionária, contra toda tentativa

Movimento Unitário Na Telefônica e na Carris

INEM-SE OS ESTUDANTES CONTRA NOVA AMEAÇA DE MAJORAÇÃO DE TARIFAS

Os empregados em empresas telefônicas e os empregados da companhia de carris (serviço de bondes) do Rio de Janeiro, obtiveram, em acordo com os empregadores, no Departamento Nacional do Trabalho, um aumento de 20% sobre os salários atuais. Mas, o tempo vai passando e as companhias empregadoras, todas subsidiárias da Light, não cumprem o acordo.

A razão alegada já é bastante conhecida — as companhias precisam de aumentar as tarifas a fim de conseguir recursos para pagar os aumentos de salários. A Telefônica, a fim de atender ao aumento de 20% nos salários, exige para as tarifas um aumento de 150%. As companhias de carris, cujas passagens, não há muito tempo, passaram de 1 para 2 cruzeiros, para a mesma percentagem de aumento para os

operários, contenta-se com 50% de aumento nas tarifas. A insatisfação entre os trabalhadores é grande. O problema tem sido debatido nas assembleias sindicais. Os dois Sindicatos, o dos trabalhadores da Telefônica e dos trabalhadores em carris, convocaram uma assembleia em conjunto que deverá reallzar-se no próximo dia 16, no Teatro João Caetano, a fim

de decidirem sobre o rumo da sua luta.

A FARSA DOS DEFICITS

A farsa dos deficits, elagada pela Light para condicionar os aumentos salariais a sempre maiores aumentos de tarifas foi desmascarada novamente, desta vez pelo sr. Olympio G. Soares, reator da Comissão de Tarifas da Prefeitura. A Light, diz aquela autoridade, é responsável pelo prejuízo que diz ter nos serviços de bondes. Isso por que não se interessa em fechar os veículos, medida que, além de melhorar o transporte para o público, evitaria e evasão de renda, calculada em 30%. Aproximando-se a data em que os bens da Light devem reverter gratuitamente para a Prefeitura, a empresa imperialista não se interessa em melhorar o serviço de bondes.

Por outro lado, diz o sr. Olympio Galego Soares, se o serviço de bondes da prefeitura, esses prejuízos podem ser cobertos com larga margem pelos elevados lucros dos serviços de luz e força. Mas, embora os serviços de bondes, luz e força sejam explorados por uma única entidade jurídica, a Light associa ou dissocia esses serviços ao sabor dos seus interesses. Assim, quando se trata do pagamento do imposto de renda, apresenta as companhias subsidiárias como um conjunto único, a fim de, pelo nivelamento dos lucros entre elas, diminuir o montante do imposto, a ser pago, mas, ao tratar-se de atender às reivindicações dos trabalhadores, apresenta-se em separado para alegar deficits.

ESTUDANTES CONTRA O AUMENTO

Enquanto os trabalhadores se preparam para fazer valer os seus direitos, as entidades estudantis do Distrito Federal articulam-se para desfechar uma campanha de grande alcance contra os aumentos pretendidos pela Light. Os transtornos que daí resultarem para a vida normal da cidade dever-se-ão única e exclusivamente à ganância limitada dessa empresa imperialista, que quer transformar os aumentos de salários num alto negócio para aumentar ainda mais os seus exorbitantes lucros.

Preparativos Para VII Festival Mundial Da Juventude e dos Estudantes

Há algumas semanas, a Assembleia constituinte do Comitê Internacional preparatório do VII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes resolveu realizar o VII Festival em Viena. A Comissão permanente foi incumbida de visitar a capital austríaca para examinar as condições necessárias para a realização do Festival.

Os representantes da referida comissão levaram a cabo em Viena várias entrevistas com organizações estudantis e juvenis austríacas, visitaram diversos estabelecimentos, instalações culturais e esportivas, estudaram as possibilidades de alojamento e de realização do programa do Festival.

Ante a resposta favorável do governo austríaco sobre a possibilidade de efetuar em Viena o VII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, a comissão se dirigiu a vários Ministérios e repartições governamentais especializadas para tratar de problemas concretos da celebração do Festival.

CONDIÇÕES PREVIAS

Foram concluídos acordos sobre as seguintes questões:

1. O programa do festival se realizará dentro do respeito à lei e ao caráter da neutralidade austríaca; por sua vez as autoridades austríacas não criarão qualquer empecilho ao Festival.

2. Os vistos e passaportes serão concedidos sem qualquer discriminação a todos os participantes do Festival, independentemente do país de origem, nacionalidade, filiação política.
3. A Comissão permanente do Comitê Internacional preparatório terá sede em Viena. Será responsável por todos os preparativos do Festival. Trabalhará em contacto com os organismos correspondentes de cada país, com as autoridades austríacas e com as diferentes organizações da juventude austríaca.

Quanto às condições materiais para a realização do Festival foram acertadas medidas práticas sobre alimentação, transporte, serviços de saúde, etc.

AJUDA MATERIAL

A criação de um Fundo

PAGINA ONZE

Mundial do Festival tornar-se possível aos países mais favorecidos ajudar os jovens dos países mais distantes ou subdesenvolvidos para enviarem seus representantes ao Festival.

A cotização segundo os cálculos feitos tendo em conta os possíveis aumentos do custo da vida será de 5 dólares por dia, mais 2 dólares para gastos de inscrição para todo o período de duração do Festival.

A Comissão preparatória internacional fez um apelo à juventude e ao povo para que ajudem os preparativos financeiros do Festival, tomando toda iniciativa no sentido de ajudar a resolver os problemas financeiros do mesmo.

O VII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes está aberto a todos os que nele desejem participar, independentemente de sua opinião política, convicção religiosa, raça ou nacionalidade. Não prevalecerá qualquer tendência política, ideológica ou religiosa. A adesão ao Festival não significará a renúncia às convicções de cada um ou a aprovação a uma tendência política qualquer.

ENCONTRO AMISTOSO DE JOVENS

O VII Festival, segundo

declaração do Comitê Preparatório Internacional, será um local de encontros livres e amistosos de diferentes pontos de vista e diversas experiências em todos os domínios da atividade criadora da juventude. Desenvolver-se-á no respeito recíproco às tradições de cada povo e a seu modo de vida. O Festival será preparado e realizado em comum, à base da igualdade, por todas as organizações participantes.

A Comissão convidou a todos os jovens e organizações juvenis a participar dos preparativos do Festival, tendo em conta as possibilidades e condições de cada um.

O Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes — o sétimo — terá lugar em Viena de 26 de julho a 4 de agosto de 1959.

A 15 de junho corrente reunir-se-á em Viena uma nova reunião da Comissão permanente, visando criar os órgãos preparatórios, definir mais detalhadamente o programa, fixar em definitivo o número de participantes e as condições de sua participação.

Firmado o Acôrdo dos Comercíarios

20 POR CENTO DE AUMENTO — MÍNIMO DE 600 CRUZEIROS E MÁXIMO DE 4.500 CRUZEIROS

Em audiência no Tribunal Regional do Trabalho, no dia 10 deste, foi finalmente firmado o acôrdo concedendo o aumento salarial de vinte por cento, aproximadamente aos 200 mil comerciários existentes no Distrito Federal.

O acôrdo conseguido através da luta dos comerciários dentro de seu Sindicato, estipula que o aumento não poderá nunca ser inferior a 600 cruzeiros nem superior a 4.500. Nela se procura garantir também a situação do menor comerciário, mediante um item estabelecendo que o aumento será extensivo, na mesma base, a todos os menores sujeitos, ou não, à formação profissional.

ALGUNS REPAROS

Ressaltando a vitória importante conseguida pelos comerciários em sua luta para não serem esmagados pelo custo de vida, queremos ao mesmo tempo fazer alguns reparos a dois itens do acôrdo.

Um deles é o que estabelece que não farão jus ao aumento os empregados admitidos após 31 de março de 1958. Outro é o que isenta da obrigação de dar o aumento as empresas que provarem ser a sua situação deficitária.

Quanto ao primeiro é óbvio que todos os admitidos antes da homologação do acôrdo, percebendo o salário então vigente, deveriam ter

direito ao aumento, não seria justo excluí-los. No que diz respeito ao segundo item não será difícil a muitas empresas provarem uma situação deficitária inexistente. A contabilidade presta-se a muitas manobras. Não constitui segredo a escamoteação que graças a isso se faz do imposto sobre a renda e outros. Além de que, tal condição incluída em acordos salariais, exigiria uma recíproca: a de que os aumentos dos preços não fossem cobrados aos que não estão em condições de pagá-los, coisa que, como sabemos, não acontece nem é praticável. Não cabe ao operário responder com seu salário, pelo deficit do patrão.

A. Latina: Anseio de Libertação Nacional. Eisenhower: Volta ao Intervencionismo da Conferência de Caracas

(CONCLUSÃO DA 3ª PAG.)

mortalidade. Nisto tem consistido a famigerada política do «pan-americanismo», para a qual o presidente dos EE. UU. pede «reafirmação de devotamento. E' com o pretender que o enforcado abençoe a corda que lhe atem ao pescoço. . .

Mas para isso as nossas relações com os Estados Unidos têm, antes de tudo, que ser colocadas em pé de completa igualdade e não de submissão. Ninguém de bom senso pode pretender a futura ou um deterioramento das relações entre os nossos países e os Estados Unidos. Mas exigimos que estas relações sejam em base recíproca, e não em troca de vantagens econômicas, políticas, estratégicas exclusivas para os Estados Unidos. Mais ainda: as nossas boas relações com o grande país do norte não devem impedir a manutenção de relações com todos os demais países, inclusive com os do campo socialista em particular duas grandes potências mundiais — a União Soviética e a China.

Por que, por exemplo, o nosso comércio de café — produto que nos fornece mais de 60% das divisas no mercado externo — deve ser controlado pelas companhias norte-americanas? Por que não podemos vender livremente nosso café a outros países, um dos quais a UPSS, já apresentou propostas as mais vantajosas: sua troca por máquinas de que tanto necessitamos?

E que propõem concretamente os Estados Unidos? Agora mesmo, enquanto se trocam cartas e se sugere uma nova conferência pan-americana, a própria imprensa conservadora fala em pressão dos monopólios norte-americanos no terreno financeiro por uma nova desvalorização do cruzeiro, reforma ministerial, ameaça de nova ofensiva contra a Petrobras, etc. Esta política já é hoje inadmissível. Repelem-na todos os povos da América Latina, do Brasil em particular.

As dificuldades acumuladas em nosso país — sobretudo as de ordem econômica e financeira — não poderão ser resolvidas a um mágico toque de vara do sr. Foster Dulles. São dificuldades decorrentes de problemas complexos, de ordem interna e externa.

E não podem ser solucionados isoladamente. O povo brasileiro, como os demais povos latino-americanos, aspiram ao desenvolvimento econômico, à independência econômica, sem a qual não haverá autêntica independência política. E o nosso desenvolvimento econômico estará sempre freiado enquanto admitirmos o domínio pelos Monopólios dos Estados Unidos de nossas principais fontes de riqueza. E' contra este domínio odioso que se levantam vozes indignadas de protestos e de repulsa, que o vice-presidente norte-americano escutou tão de perto quanto há pouco.

Veja-se a única sugestão concreta contida na carta de Eisenhower ao sr. Juscelino Kubitschek: «execução mais completa da Declaração de solidariedade da Décima Conferência Inter-americana» realizada em Caracas em . . . 1954. Essa Conferência teve lugar no auge da «guerra fria» através da qual os imperialistas tentavam criar um clima para o desencadeamento de uma guerra atômica contra a União Soviética e os demais países do campo socialista. A Declaração em apreço é também uma intervenção aberta do Departamento de Estado nos assuntos internos dos países do Continente, sob a máscara de «combate ao comunismo».

Ninguém ignora que a Declaração da Conferência de Caracas de 1954 serviu de arma para a brutal intervenção dos imperialistas norte-americanos nos assuntos domésticos da Guatemala. Logo depois da Declaração, o então Ministro do Exterior guatemalteco, sr. Toriello, lançou enérgico protesto contra a mesma, denunciando seu caráter agressivo. E a agressão foi o primeiro resultado da quele ignominioso documento, estimulando os agentes da United Fruit para a derrubada do governo democrático de Arbenz. Este fato constitui, por si só, uma lição amarga e uma severa advertência aos povos dos países da América Latina. O direito de intervenção é claramente admitido na Declaração de Caracas relembrada pelo presidente Eisenhower, no caso de algum país estar ameaçado do que se convencionou chamar arditamente de «agressão interna». Na Guatemala, a «agressão interna» teria sido a expulsão do truste lanque «United Fruit», povo que há decênios explora brutalmente os países da América Central.

Os povos da América — inclusive o grande povo norte-americano — sabem igualmente que sob o disfarce de combate ao comunismo o que pretendem a reação e os monopólios dos Estados Unidos é reprimir toda veleiidade de independência econômica dos países da América Latina. De «comunistas» têm sido rotuladas todas as forças que lutam contra a penetração e o domínio dos trustes norte-americanos no Brasil, como nos demais países do Continente. Ainda hoje tenta-se cognominar de «comunistas» as crescentes forças do poderoso movimento nacionalista que em nosso país se batem por uma política de fomento ao progresso econômico do Brasil, pela ampliação do nosso comércio exterior, por melhores condições de vida para o povo.

Então, como pensar sequer em ressuscitar uma diretriz política contrária aos mais sagrados interesses dos povos da América?

Existem graves problemas a serem resolvidos nos países latino-americanos e com suas relações com os Estados Unidos. São problemas maduros e que podem perfeitamente ter uma solução positiva.

Ninguém pode sensatamente opor-se a entendimentos que conduzam ao melhoramento das relações entre os países latino-americanos e os Estados Unidos. Mas o que os povos da América Latina exigem — e provaram-no so-bejamente escorçando a ditadura de Perez Jimenez da Venezuela, elegendo Frondizi para a presidência da Argentina, lutando contra o regime sangrento de Batista em Cuba — é que as relações com os Estados Unidos sejam estabelecidas em pé de igualdade, e não à base da submissão e da rapinagem dos monopólios yanques. Exigem-nos e sem dúvida nenhuma o abanço.

A Fôrça dos Trabalhadores

MOTORISTAS QUASE PARALISAM O RIO

ATIVA SOLIDARIEDADE DOS ESTUDANTES E SIMPATIA DA POPULAÇÃO — PREFEITURA E POLÍCIA PARA SERVIR AOS PATRÕES — AS LIÇÕES DE UM MOVIMENTO QUE AGITOU A CIDADE

A greve dos motoristas, trocadores e despachantes de ônibus, durante 72 horas, agravou ainda mais o problema dos transportes de passageiros no Distrito Federal. A responsabilidade por mais esse sacrifício imposto à população do Rio cabe exclusivamente à ganância ilimitada dos proprietários das empresas de ônibus e à Prefeitura.

SIMPATIA DA POPULAÇÃO

Seja por ter afetado um dos setores mais sensíveis da vida cidadã devido à precariedade dos transportes mesmo sem greve, locomover-se, para o carioca é um suplício — seja pelo fato de há muitos anos não se verificarem no Rio greves dos trabalhadores em transportes, ou ainda, por ter sido a população, recentemente escorchada pelo novo aumento das passagens, a greve atraiu a atenção de todos para a situação dos trabalhadores e repercutiu favoravelmente. Por isso a solidariedade brotou rápida e espontânea e constituiu um aspecto decisivo para o movimento.

Os trabalhadores das mais diversas categorias profissionais, através dos seus sindicatos levaram o seu apoio. Os trabalhadores de São Paulo também enviaram a sua solidariedade. Vários órgãos da imprensa ficaram ao lado dos grevistas, dando ampla cobertura ao movimento. Diversos parlamentares prestigiaram os trabalhadores e procuraram defendê-los das arbitrariedades da polícia.

Especial menção merece o apoio dado pelos estudantes. Ante a ocupação, do sindicato pela polícia, ofereceram a sede da UNE para a instalação do comando da greve e se empenharam junto às autoridades e às partes em litígio para obter solução satisfatória para o movimento.

Lucros Escorchantes

As cifras revelam-se uma fábula cada vez menos digna de crédito.

Além da importante vitória parcial obtida e de proporcionar uma série de experiências aos trabalhadores, a greve revelou algumas questões dignas de nota.

Falando à reportagem do jornal «Última Hora», os proprietários das empresas de ônibus, referiram-se ao montante dos prejuízos causados pela greve. Assim pela sua palavra incoerente no caso, as

Solidariedade Operária

O elevado sentimento de unidade que se desenvolve entre os trabalhadores, é outra importante constatação a fazer. Todos sentiram a necessidade da vitória dos grevistas. Vários sindicatos se declararam em assembléia permanente. Os lotações chega-

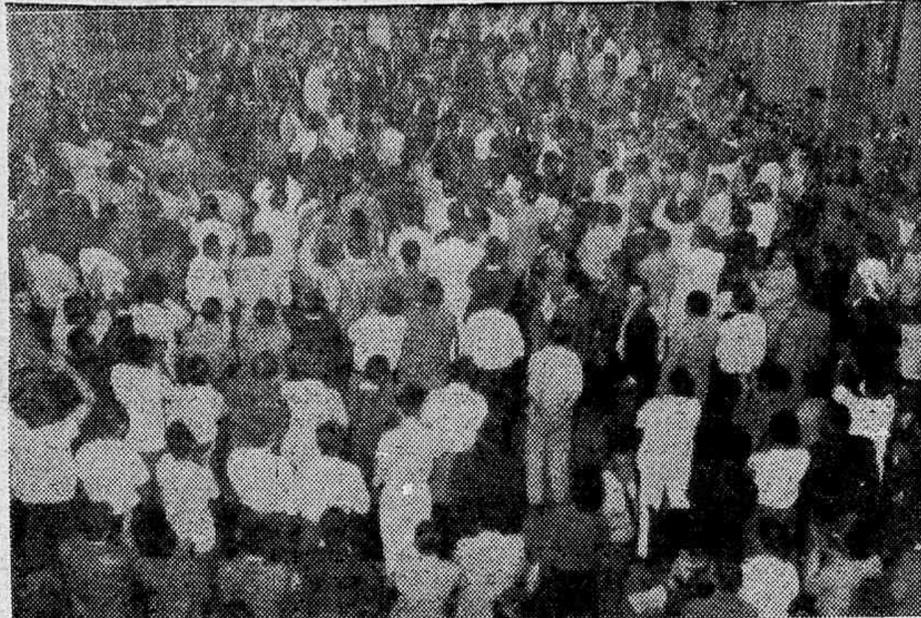
ram a parar no dia 5, para forçar a solução da greve. Os trabalhadores em carris e os operários navais também manifestaram a sua disposição de paralisar o trabalho. Os transportes estiveram, assim, ameaçados de um colapso total. Isso foi uma demonstração do poderio da unidade e da luta pacífica dos trabalhadores.

Apóio dos Estudantes

A atitude dos estudantes em relação à greve foi encarada com simpatia pela população e provocou comentários desfavoráveis por parte de órgãos reacionários da imprensa como o «Correio da Manhã», «Estado de São Paulo» e outros. O «Correio» acha

que os estudantes devem preocupar-se em estudar e não com os problemas dos trabalhadores, pois não tem discernimento para isso. O «Estado» diz que os estudantes são danifil mas a todo o povo brasileiro.

As forças golpistas, interessadas em criar no país um



Concentração de motoristas, cobradores e despachantes em frente à sede da UNE, durante a greve. A praça do Flamengo, onde fica localizada a sede da UNE, ficou ostensivamente cercada pela polícia. Na foto, uma R.P. ali estacionada.

tado de São Paulo» vê no apoio dos estudantes à greve uma insidiosa manobra dos comunistas. A verdade é que a exploração desenfreada, as arbitrariedades e violências policiais que são exercidas indistintamente contra todas as

clima de insegurança, de cerceamento das liberdades democráticas e da livre manifestação das massas, mais uma vez procuraram explorar os acontecimentos em função dos seus propósitos. Assim, procuraram apresentar a luta normal dos trabalhadores pelas suas reivindicações, como movimento faccioso, lançaram boatos de uma vasta conspiração e insinuavam a decretação do estado de sítio para o Distrito Federal. Isso significa que os trabalhadores precisam estar atentos para não permitir que as suas lutas sejam exploradas pelos que desejam semear a confusão a fim de atingir seus objetivos reacionários, ou seja, em última análise, a implantação no país de uma ditadura terrorista a serviço dos monopólios norte-americanos.

Experiências Sindicais

Para os trabalhadores em

geral a greve demonstrou a necessidade de redobrar a luta para enterrar definitivamente o famigerado decreto 9.070. Foi ainda apoiado nesse decreto que a polícia cometeu arbitrariedades contra os grevistas. O projeto de lei que regulamenta o direito de greve encontra-se esquecido nas casas do parlamento e não está havendo um movimento

trabalhadores forjaram a unidade, organizaram a luta de greves, etc. A longo tempo a greve demonstrou que os trabalhadores precisam dar mais atenção ao sindicato, trabalhar em conjunto, promover uma sindicalização dos operários, atrair para uma atividade sindical. Foi por falta de trabalho neste sentido que alguns ônibus pararam de circular, exigindo um redobrado esforço de quem trabalha de greve e dando-se a polícia de realizar prisões.

Preparação da Solidariedade

Como já dissemos, a solidariedade manifestada, principalmente pelos operários, teve uma importância muito grande para o êxito da luta. Muito mais decisiva teria ela sido, caso houvesse uma antecipada e cuidadosa preparação. Essa é uma lição que deve ser aproveitada, não só pelos motoristas, mas também por todos os trabalhadores, principalmente pelos líderes sindicais.

Neste sentido, causou estranheza a todos, a completa ausência das Federações e Confederações nas demarches para a solução da greve, sobretudo no que se refere às federações e à confederação do setor de transportes. Isto mostra a necessidade dos ativistas sindicais e dos trabalhadores em geral se preocuparem efetivamente com as entidades sindicais de grau superior. Somente assim terão à sua frente homens ativamente empenhados em defender os interesses dos trabalhadores, particularmente em lutas de tanta importância, como a greve dos motoristas.

A Etapa Final

Tendo obtido uma importante vitória parcial, com a sua unidade reforçada e procurando corrigir as falhas reveladas, os motoristas, despachantes e cobradores de ônibus preparam-se agora para a etapa final do movimento, que é obter o salário estabelecido pelo Tribunal Regional do Trabalho. É o que deverá acontecer dentro dos 45 dias de prazo concedido no acordo que pôs fim à greve.



A praça do Flamengo, onde fica localizada a sede da UNE, ficou ostensivamente cercada pela polícia.

concessionárias deixaram de faturar cerca de 4 milhões de cruzeiros. Uma empresa que mantém apenas duas linhas de ônibus teve o prejuízo de cerca de 400 mil cruzeiros, outras de 250 mil, 180 mil, etc. Isso é o que deixaram de ganhar durante as 72 horas de greve, pois, como disse um dos proprietários «Não foi propriamente prejuízo, pois não tivemos despesa alguma». Mesmo para empresas de uma cidade como o Rio, levando-se em consideração que essa é apenas uma parte dos transportes urbanos, a receita não é nada desprezível. A alegada falta de recursos para atender a reajustamentos de salário, em nome da qual as empresas pedem, e obtêm, aumentos de tar-

ram a parar no dia 5, para forçar a solução da greve. Os trabalhadores em carris e os operários navais também manifestaram a sua disposição de paralisar o trabalho. Os transportes estiveram, assim, ameaçados de um colapso total. Isso foi uma demonstração do poderio da unidade e da luta pacífica dos trabalhadores.

Apóio dos Estudantes

A atitude dos estudantes em relação à greve foi encarada com simpatia pela população e provocou comentários desfavoráveis por parte de órgãos reacionários da imprensa como o «Correio da Manhã», «Estado de São Paulo» e outros. O «Correio» acha

camadas da população, sejam trabalhadores, estudantes ou outras, vêm despertando a solidariedade e forjando a unidade do nosso povo na luta em defesa dos seus interesses. Expressão elevada dessa unidade vêm sendo a aliança da classe operária com as camadas da pequena burguesia, notadamente os estudantes, que por várias vezes esteve em ação em São Paulo. No Rio essa aliança revelou-se com mais força há cerca de dois anos, na luta contra o aumento das passagens de bonde e nesta greve patenteou-se o seu desenvolvimento. Isso é um índice do amadurecimento da consciência social da população. A magnífica atitude dos estudantes honra não só a classe estu-



MOSCOW. O presidente do Presidium do Soviet Supremo da URSS, Vorochilov, convidou os soberanos do Nepal, o «ra» Mahendra Bir Bikram e sua esposa, a visitarem a União Soviética. A foto mostra um aspecto da chegada dos reis nepalêses no aeródromo de Vinukovo, nas proximidades de Moscou, vendo-se o soberano de Nepal e o presidente Vorochilov.